



Instituto de Humanidades e Letras
Bacharelado em Humanidades

A CAPOEIRA ANGOLA E A LEI 10639/03 NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARCIA MARIA SOUZA SILVA

REDENÇÃO-CE

2016

A CAPOEIRA ANGOLA E A LEI 10639/03 NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARCIA MARIA SOUZA SILVA

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos CRB-3 / 1219

Silva, Marcia Maria Souza.

S579c

A capoeira angola e a lei 10.639/03 na educação infantil. / Marcia Maria Souza Silva. –
Redenção, 2016.

66 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras
da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Oliveira e Gabarra.
Inclui figuras e referências.

1. Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]. 2. Capoeira angola. I. Título

CDD 344.81077

MARCIA MARIA SOUZA SILVA

A CAPOEIRA ANGOLA E A LEI 10639/03 NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada em cumprimento as exigências para a conclusão de curso de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dra. Larissa Oliveira e Gabarra

Redenção-CE

2016

Dedico este trabalho a minha filha Débora Souza
silva minha razão de viver e por quem me esforço,
para dar um futuro e bons exemplos.

Agradecimentos

Primeiro a Deus que sempre me deu força para continuar a caminhada, obrigada!

A minha querida professora e orientadora Larissa Gabarra, que sem ela o trabalho não teria saído, através dos seus conselhos e ensinamentos me ajudou a concluir essa etapa tão importante da minha vida, me dando um ensinamento ainda maior que foi a capoeira na minha vida, a você querida professora meu muito obrigada!

Ao meu querido esposo Kiliano que sempre esteve ao meu lado me incentivando a terminar e não desistir, obrigada querido!

Minha querida mamãe Maria que sempre acreditou no meu potencial mesmo quando eu não acreditava, te amo querida obrigada!

Aos meus irmãos afro-brasileiros e africanos que deixaram sua história e cultura para que eu pudesse apreciar, estudar e praticar, a todos os meu muito obrigada!

Enfim a minha família e amigos que sempre disseram VAI DAR CERTO!

Sumario

Introdução	08
Capitulo I	
Origens e características da capoeira	12
A roda	13
A malícia	13
Musicalidade	13
Três aspectos do jogo	15
Capoeira e sua marginalização	16
Capoeira no Rio de Janeiro e sua criminalização	16
A capoeira na Bahia: o início das academias de mestre Bimba e mestre Pastinha	19
A capoeira nos dias atuais	25
Capitulo II	
A Lei 10.639/2003 e a capoeira	27
Desfazendo o mito da democracia racial no Brasil	29
Capoeira na educação Infantil.....	30
Transversalidade da capoeira para os conteúdos do ensino formal	32
Desenvolvimento motor e formação de personalidade por meio da capoeira	36
Formação afetiva antirracial	38
Capitulo III	
A prática pedagógica da capoeira angola na educação Infantil	41
Considerações finais.....	50
Fontes e Referências.....	51
Anexos.....	54

Resumo

Este trabalho mostra como a capoeira pode ser, de forma prazerosa e eficaz, uma ferramenta de execução da Lei 10.639/03¹, que prevê o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação formal, especificamente na infantil. Uma vez que percebemos no decorrer da pesquisa que a área da educação infantil é carente de propostas sobre Lei em relação aos outros ciclos da Educação, mostraremos como a capoeira pode ser usada, através de alguns valores afrocivilizatório, em particular a ludicidade. Para tanto, usaremos além de leituras sobre educação, capoeira e infância, entrevistas orais e observações participativas na escola e em oficinas de capoeira. Assim apresentaremos a capoeira angola como ferramenta para ajudar no desenvolvimento tanto motor como mental da criança.

Palavras chave: capoeira, lei 10639/03, valores afrocivilizatórios e Educação Infantil.

Abstract

This work shows how capoeira can be, in a pleasant and effective way, an implementation tool of Law 10.639 / 03, provides for the teaching of African history and culture and african-Brazilian in formal education, specifically in children. Once we realized the results from the research that the area of early childhood education is lacking in proposals in relation to the cycles of Education, show how capoeira can be used by some afrocivilizatório values, in particular playfulness. For that we will use as well as readings on education, capoeira and children development, oral interviews and participatory observations in school class and capoeira workshops. Than, we present capoeira as a tool to help develop both motor as the child's mental.

¹ A lei 10.639/03 é um acréscimo da lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, das Diretrizes e Bases da Educação, passando a ter no seu Art. 26-A a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura africana e Afro-Brasileira. Em 2008 a Lei 11.645/2008 vem trazer a obrigatoriedade também do ensino indígena. Para minha pesquisa me detive na lei 10.639/03 pela capoeira ser uma cultura afro-brasileira sem nenhuma comprovação de elementos indígenas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade mostrar como a capoeira pode ser utilizada para a implementação e cumprimento da Lei 10.639/03 na educação infantil, focando a questão dos valores afrocivilizatório entre eles a ludicidade. A Lei homologada em 9 de janeiro de 2003 torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no ensino Fundamental e médio, principalmente nas áreas de história, artes e literatura. No entanto em 13 anos de implementação dela, sabe-se que pouco foi feito no ensino infantil. Ele é um dos pontos cruciais na construção do racismo na sociedade, e conseqüentemente, na desconstrução de tal ideologia. A educação infantil precisa ser tocada de forma lúdica, mostrando os valores afrocivilizatório que podem ser inseridos desde a educação infantil, auxiliando no desenvolvimento, tanto psicomotor, como da autoestima das crianças.

A capoeira é uma expressão cultural afro-brasileira lúdica, é um jogo de movimentação brincante. “Através das brincadeiras o professor poderá resgatar valores da nossa cultura, fazendo com que a criança compare o passado com o hoje de uma forma contextualizada.”² Na capoeira angola, essa ludicidade está ainda mais presente é tanto que uma de suas denominações é Brincadeira de Angola. A capoeira pode ser praticada por quem tiver interesse, ou seja, por pessoas de qualquer idade. Numa metodologia de aula, que inclui os elementos da capoeira e o brincar, é possível agradar as crianças com aulas divertidas que auxiliam no desenvolvimento de suas habilidades motoras. Além de conseguir passar quase todos os valores afrocivilizatórios como: circularidade, oralidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade, cooperatividade, memória e ancestralidade³. A capoeira é completa, indivisível e acessível a todos.

Os jogos lúdicos são instrumentos de aprendizagem que de forma agradável e eficaz proporcionam rapidez no processo de desenvolvimento de comportamento social e aquisição de novos conhecimentos. Aprender jogando é uma forma prazerosa, segura e atualizada de ensinar e é assim que a capoeira se propõe a ensinar, brincando. O brincar na sala de aula não é só brincar, ajuda a criança a se ambientar, “no brincar

² FREITAS, Jorge Luiz de. **Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo**. Curitiba: editora gráfica expoente, 1997. p.29

³ TRINDADE, Azoilda Loretto (org.). *Africanidades brasileiras e educação* [livro eletrônico]: Salto para o Futuro. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013; TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. In: Revista Valores Afro-brasileiro na Educação. Boletim 22, nov. 2005. Brasília: MEC/Tv Futura.pp.30-37.

casam-se a espontaneidade e a criatividade com a progressiva aceitação das regras sociais e morais”.⁴ Por isso, o uso do lúdico é essencial para o melhor desenvolvimento da criança. Assim, foi colocado nas diretrizes curriculares para a educação infantil “construindo novas formas de socializar e de subjetividade comprometidas com a ludicidade (...).⁵” Temos que pensar o lúdico muito além de simples brincadeiras educativas, mas, sim como uma metodologia de ensino aprendizagem muito valiosa e que deve ser aproveitada por todos.

Com as brincadeiras, as crianças conseguem se desenvolver melhor, porém algumas instituições não aproveitam esse elemento fundamental do desenvolvimento infantil, prejudicando as próprias crianças, como nos diz Kishimoto:

[...] não há cooperação, expressão de necessidades individuais e coletivas. Prevalecem atividades iguais para todas as crianças, contrariando as propostas de autonomia, expressão e identidade infantil.⁶

Neste sentido, a capoeira condiz com a proposta de Kishimoto de não limitar as crianças a atividades sem cooperação e sem expressão individuais e coletivas. A capoeira oferece uma maior autonomia e ajuda na construção da identidade infantil, ela fará com que a criança se expresse corporal e mentalmente.

Para mostrar nossa proposta utilizamos como metodologia: entrevistas, observação em sala de aula que aplica a capoeira angola como metodologia para a educação infantil, participação em oficinas de capoeira angola, leitura da literatura sobre os temas infância, ensino e capoeira. As entrevistas, com uma professora da educação infantil e uma mestra de capoeira angola, estavam focalizadas num roteiro prévio, que dialogava com a hipótese do meu estudo. Não descartei a possibilidade de incluir no decorrer da entrevista outras questões necessárias. “A entrevista é uma técnica que permite o relacionamento estreito entre entrevistado e entrevistador”⁷ dando assim maior confiança para ambas as partes.

Sobre as oficinas de capoeira angola, comecei com uma do mestre Armando⁸. Uma oficina de capoeira que se propõe a fazer com que os participantes vivenciem a

⁴ DE SOUZA, Verônica Maria. “... A distância do brincar... do nascimento aos seis anos”. Pós-graduação lato sensu mestrado, Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro, 2004.

⁵ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/ Secretaria de educação básica - Brasília. MEC, SEEB,2010 p. 17

⁶ KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **A LDB e as instituições de educação infantil: Desafios e perspectivas**. Rev.paul.educ.Fisi.São Paulo, supl.4,2001 p.8

⁷BARROS, Aidil Jesus da Silva. LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**.3 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. p. 108

⁸ Mestre Armandinho começou capoeira angola com mestre Marco Aurélio, que era aluno do mestre Moraes. Depois tornou-se aluno de Mestre Moraes onde conviveu em Niterói/RJ e em Salvador. Mudou-

história da capoeira no Brasil. Depois participei de quatro meses de oficinas semanais de capoeira angola no programa de extensão da Pró-reitoria de Extensão (PROEX) da UNILAB Áfricas do Joá, coordenado pela professora Larissa Oliveira e Gabarra. Essas participações foram de extrema relevância para o estudo, pois foram tratadas não apenas como espaço de experimentação, mas também como lugar da observação participativa, onde além de participar, observei o formato, os objetivos, os ideais passados nos treinos de capoeira. Por último, também fiz observação participativa no Centro de educação Infantil Francisca Arruda de Pontes com crianças de três a seis anos, no projeto CIM-CIADI (Coletivo da Infância do Maciço de Baturité – Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil) o mesmo está vinculado a Pró-reitoria de políticas afirmativas e estudantis (PROPAE) e é gerenciado por um comitê interdisciplinar, composto por professores do Instituto de Humanidades e Letras, Instituto de Ciências da Saúde, Instituto de Ciências Exatas e da Matemática, Instituto de Engenharia e Desenvolvimento Sustentável e Instituto de Desenvolvimento Rural da UNILAB que reúne membros da comunidade acadêmica e entorno, no intuito de desenvolver ações integradas e interdisciplinares para o atendimento de crianças, com vistas à promoção de seu desenvolvimento integral. Neste primeiro momento, o programa iniciou a suas atividades na CEI Francisca Arruda de Pontes com quatro eixos de trabalho, sendo estes: ludicidade, culturas de matrizes africanas, educação ambiental e cultivo da terra e engenharia social; fiz a observação participativa; entre as atividades, do eixo culturas de matrizes africanas, era de aulas de capoeira para crianças. As crianças de idades variadas, de três a seis anos brincavam de ritmo e bichos todas as quartas a tarde. Concomitante ao trabalho de campo propriamente dito, fiz as leituras necessárias sobre os temas. Assim, segue essa monografia que não pretende dar conta desse enorme campo de conhecimento, mas problematizar a necessidade da implementação da Lei 10.639/03 na educação infantil, como também procurar enriquecer e contribuir para o universo da educação infantil e das relações étnico-raciais por meio da capoeira.

Assim, no capítulo um iremos fazer uma pequena contextualização sobre a capoeira trazendo sua origem, algumas características e um pouco da vida dos dois mais conhecidos mestres da capoeira, mestre Bimba e Pastinha e um pequeno recorte da capoeira nos dias atuais.

se para Fortaleza/CE onde desenvolveu um trabalho no GCAP sob supervisão de mestre Moraes, quando em 2008 deixou de ser GCAP.

No capítulo dois falaremos da Lei 10.639/03 e a capoeira, tentando desfazer o mito da democracia racial no Brasil, como a capoeira pode ajudar na implementação da Lei 10.639/03 na educação infantil, tendo em vista o desenvolvimento, tanto motor, como mental da criança, a versatilidade que a capoeira oferece nas diversas áreas do conhecimento e como os valores afrocivilizatórios podem ajudar nessa trajetória.

No capítulo três entraremos com a parte prática do nosso trabalho mostrando as entrevistas, oficina e observações e como elas foram importantes para a concretização da nossa ideia.

Capítulo I

ORIGENS E CARACTERÍSTICAS DA CAPOEIRA

A capoeira é uma expressão cultural afro-brasileira. É de conhecimento popular, reafirmado pelos guardiões dessa tradição. Segundo o conhecimento popular ela surgiu como uma luta de ataque e defesa dos escravizados, usada como forma de libertação contra os maus tratos dos senhores de engenho e capitães do mato, transformada em dança para disfarçar o lado marcial.

Sobre sua origem existem duas correntes⁹ mais populares: uma na qual ela teria nascido no Brasil, com a mistura de diversas lutas, danças, rituais e instrumentos oriundos de várias partes da África¹⁰, trazidos pelos escravizados. E a outra na qual descenderia de uma cerimônia realizada em Angola na África por volta do século XVII, chamada N'golo, que significa zebra na língua quimbundo. Esta cerimônia seria para comemorar a passagem da mulher para a fase adulta, disponibilizando-a para o casamento. Na cerimônia, os homens disputavam-na, por meio de uma luta animada pelo toque de atabaques, em que ganhava quem conseguisse encostar o pé na cabeça do adversário¹¹. Quem vencesse ficaria com a pretendente como sua esposa sem pagar o dote. A primeira versão é mais aceita.

Seu nome “capoeira” tem vários significados. Segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa:

Capoeira (2) –Bras. Terreno onde o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou outro fim. 2-Jogo atlético individual, com sistema de ataque e defesa. Capoeirista – lutador de capoeira¹².

Sobre a origem do nome capoeira: da língua tupi dos nativos americanos kapu significa “o que foi mata”¹³. Não há uma grande discórdia em relação ao significado do nome capoeira, diferentemente de sua origem e todos utilizam o nome capoeira independentemente de onde sejam ou estejam.

⁹ CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. Salvador: Ed. EDUFBA, 2001. p.19

¹⁰ CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: pequeno manual do jogador**/ Nestor capoeira. 7ªed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.34

¹¹ SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial, 1850-1890**. Rio de Janeiro: Access, 1999

¹² FERREIRA, Aurélio B. Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Ed. Positivo, 2008. p.209.

¹³ WIKIPEDIA. **Capoeira**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Capoeira>. Acessado em: 17/11/14

Conclui-se que a capoeira, como manifestação cultural, sem dúvida é a hibridação de elementos culturais de vários povos africanos e indígenas. É uma arte que integra corpo, mente e espírito. As suas principais características, conhecidas pelo senso comum são: roda, malícia, musicalidade, variação de jogos.

A roda

A prática da capoeira é realizada em grupo. Seu principal ritual é a roda. Na roda de capoeira encontramos um conjunto de elementos que incluem luta, dança, respeito, ancestralidade, música, teatro, filosofia, espiritualidade, motricidade, brincadeira e jogo. Para que esses elementos aconteçam é necessária a presença de capoeiristas (pessoas que jogam capoeira) e instrumentos musicais. Para formar o círculo chamado de roda são necessários dois jogadores e outros capoeiristas, além de oito capoeiristas para compor a bateria, caso seja uma roda de capoeira angola (com algumas variantes de grupo e escola). O ritual da roda é composto por vários momentos. “Eis a roda formada: um círculo de jogadores, os berimbaus, pandeiros, atabaque.”¹⁴ Para iniciar alguém canta uma ladainha, como um lamento, só depois o jogo começa.

A malícia

A malícia na capoeira é um elemento que define se o jogador é bom ou não, a malícia é usada no jogo e na vida, metaforicamente na roda pequena (a capoeira) e na grande roda (a vida). Segundo mestre Nestor, a malícia é constituída de dois aspectos: “o conhecimento da natureza humana e o bom humor, o sorriso, uma ironia leve e saudável”¹⁵. E para ser um bom capoeirista é necessário possuir os dois, pois se tiver o conhecimento da natureza humana, mas não tiver o bom humor, não saber brincar, não será um capoeirista. Pois o brincar é a base do capoeirista.

Musicalidade

A musicalidade na capoeira está ligada diretamente a bateria e as canções, sem esses dois elementos não se tem uma roda de capoeira, mestre Manuel¹⁶ deixa claro a importância que a bateria tem:

¹⁴ CAPOEIRA, *op.cit.*, 2002, p.17

¹⁵ *Idem.* p. 22

¹⁶ Emanuel Lopes de Lima, o mestre Manuel nascido em Caxias, Rio de Janeiro, foi aluno de mestre Angolinha e mestre Moraes. Seu grupo é Ypiranga de Pastinha com sede na favela da Maré, Rio de Janeiro.

“A bateria é o coração da roda, é ela que pulsa conforme as coisas vão se desenrolando. A bateria é considerada sagrada na roda, é ela que transmite o axé, a energia e o ritmo. Ela pode atrair e retrain muitos sentimentos expressos de maneira simples, através dos movimentos corporais do angoleiro, através da voz do cantador e do seu coral que estará sempre lhe respondendo, através do conjunto que é a bateria”¹⁷.

Com sua fala mestre Manuel quer nos disser que a bateria na capoeira não é só a musicalidade que está presente, mas também toda uma ritualidade, uma expressão de sentimentos, de onde vem o axé.

A musicalidade faz parte da capoeira não só por causa da presença dos instrumentos mais também por causa das canções que se dividem em quatro modalidades. Os chamados corridos, como o nome já diz, são mais aceleradas e os capoeiristas da roda tem que acompanhar o ritmo, neste caso o cantor faz versos mais curtos e simples e eles devem responder em coro, como no trecho abaixo:

“Solista: tu que é moleque.
Coro: moleque é tu!
Solista: cala a boca, moleque.
Coro: moleque é tu!”¹⁸

A quadra é composta por, em geral, quatro estrofes simples que vai depender da criatividade do cantador, que improvisa as estrofes, enquanto o coro responde sempre o mesmo refrão.

“Solista: Menino, quem foi teu mestre?
Meu mestre foi Salomão.
Pulava cerca de ponta
De costas, sem pôr a mão, camará.
Coro: Andaruê, pega pra matar.
Andaruê, pega pra matar.
Solista: eu digo muito na mão,
Nas armas eu sou o cão,
Na roda de capoeira
Eu enfrento um batalhão, camará.
Coro: Andaruê, pega pra matar.
Andaruê, pega pra matar”¹⁹.

A chula é um canto onde o solista tem uma parte muito mais longa do que a resposta do coro. A ladainha (ou canto de entrada), é cantada em ritmo lento, sofrido, dolente, como uma reza, por isso o nome. É utilizada para fazer apresentação ou identificação dos jogadores, tipo de jogo ou mesmo golpes. As ladainhas são histórias cantadas antes de começar o jogo e os participantes da roda têm que ficar atentos,

¹⁷ Mestre Manuel, **apud**. In. YAHN, Carla Alves de Carvalho. **Capoeira angola e literatura popular: marcas da tradição oral afro-brasileira**. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - Agosto. 2009. Disponível em: www.africaeaficanidades.com.br. Acessado em: 10/06/2016.

¹⁸ CAPOEIRA, **op.cit.**, p.85.

¹⁹ Idem.

algumas ladainhas veem com desafios para o momento presente, outras tem lições de moral, outras são lembranças do passado.

Além dos cantos, tem-se os instrumentos, são eles; o berimbau, o atabaque, o pandeiro, o agogô e o reco-reco. O Berimbau que é um arco musical originado de outros arcos de regiões africanas das regiões banto. A forma atual e o modo de tocar são construções dos afrodescendentes brasileiros. O instrumento é composto pela verga de biriba, corda de aço, cabaça raspada, courão e cordão. O courão impede que a corda rache a biriba. É tocado com uma baqueta e o dobrão (uma peça de metal, antigamente uma moeda, ou uma pedra que tenha um formato arredondado), com acompanhamento do caxixi (um pequeno cesto com sementes). Usado com o berimbau, dá um segundo som para o ritmo da baqueta, tocando o fio de aço. Na capoeira angola, são usados três tipos de berimbaus, são eles: o Gunga (de som mais grave), que faz a marcação do toque e rege a roda de capoeira, o Médio e o Viola (de som mais agudo), que sola.

O pandeiro é de origem asiática e era muito usado pelos árabes, também pelos portugueses e conseqüentemente foi trazido para o Brasil. Usado inicialmente em procissões, ganhou difusão em várias manifestações musicais, inclusive a capoeira. O agogô é um instrumento de origem africana; tem a função de ser um contraponto rítmico aos berimbaus e ao atabaque. O reco-reco é um instrumento de percussão fina enriquece o conjunto da bateria com detalhes e variedade sonora. O reco-reco acrescenta essa variedade às vibrações únicas do agogô. O atabaque um tambor de origem afro-brasileira com uso tradicional em rituais de candomblé.

Três aspectos do jogo

Três parece ser um número comum quando se quer dividir uma unidade em partes, assim como pai, filho e espírito santo que para os cristãos são um só. A capoeira também tem suas três partes que chamaremos de níveis como se fossem fases que você precisa passar para se tornar um bom capoeirista.

O primeiro aspecto da capoeira é o aspecto físico, para ser um jogador é necessário ter um bom preparo físico para estar sempre disposto no jogo. O segundo é a malícia é necessário que se compreenda o mundo e as pessoas, ter bom humor e saber lidar com o tempo e as pessoas para assim ter uma vida longa e cheia de bons amigos, ou colegas de jogo, camaradas - camarás. O terceiro é o mais demorado para se chegar, pois é quando se compreende o jogo em sua totalidade e não só o jogo, mas a vida. Este

é o “mistério e a falsidade da vida”²⁰. Os três aspectos estão juntos não são compreensíveis separadamente. Só podemos compreendê-los na sua complexidade e totalidade.

Podemos perceber o quanto a capoeira pode nos oferecer como formação, quando entendemos que seus fundamentos vão além da nossa experiência cotidiana; e, no entanto, se baseiam nela. É uma eterna escola, pois você sempre tem algo novo para aprender, seja com seu mestre ou mestra, ou com seus companheiros de roda, afinal a capoeira é uma filosofia de vida, de onde você pode retirar princípios norteadores para sua existência.

Capoeira e sua marginalização

A capoeira foi vista (talvez ainda seja) com maus olhos pelos órgãos de controle e padronização social por ser a expressão cultural originária de um povo que teve sua imagem erroneamente transmitida como bárbaro, dominável e primitivo. Ao contrário dessa imagem a capoeira construiu uma estratégia de luta tanto corporal, como cultural, que se tornou uma das principais armas de resistência à sociedade, primeiramente escravocrata e posteriormente desigual. Além de ser uma das representações da preservação cultural do brasileiro. Foi através da capoeira que muitas das memórias, histórias e saberes sobre esse povo a quem negou-se voz na História oficial, foram repassadas e hoje conhecidas por nós.

O preconceito é um pensamento predefinido que normalmente adquire um teor discriminatório. As culturas do negro no Brasil sempre sofreram preconceito. Mesmo sem conhecer as pessoas tratavam-nas e tratam-nas como algo ruim que não serve para a sociedade. Essa intolerância se vê bem claro ainda hoje nas religiões de matrizes africanas, chamadas por muitos de satânicas. Assim, as culturas do negro foram a cada dia se adaptando e se reformulando para conseguirem manter suas essências sem ser incomodadas pelos opressores da época escravocrata e posteriores. Apesar de todas as dificuldades, o povo negro conseguiu manter suas culturas, ainda que muitos tenham tentado destruí-las. Temos muito a aprender com essas culturas; e mais ainda, temos que as assumir como nossa, conhece-las nas suas essências, já que faz parte de nós e tendemos a negá-las. Pois elas são tão cheias de vida, garra, determinação e luta, como a capoeira.

²⁰ CAPOEIRA, *op.cit.*, p.27

Capoeira no Rio de Janeiro e sua criminalização

Com a vinda da família real para o Brasil, após a invasão de Portugal por Napoleão, em 1808, inicia-se uma nova etapa da história brasileira. Os recém-chegados eram cerca de dez mil portugueses, entre oficiais, nobres e funcionários. A partir deste momento o Brasil passa por um processo de transição, tornando-se Reino. Neste momento, os capoeiristas começaram a prestar serviços para os recém-chegados, como capatazes, não eram remunerados, mas alguns tinham a esperança de ganhar a liberdade. Mesmo sendo a capoeira proibida muitos a praticavam, para defender seus senhores ou nas guerras da coroa, e posteriormente do Império, como na guerra do Paraguai²¹. A ladainha a baixo mostra essa relação:

“Na guerra do Paraguai
 Uma raça se destacou
 Na destreza e na coragem
 Muitas glórias conquistou
 Havia um negro
 O nome Negro Tião
 Foi pra guerra voluntário
 Em troca de liberdade
 No pantanal
 A batalha do Tuiuti
 Guarani Cerro Corá
 Ele mostrou o seu valor
 Na negativa
 Rasteira, rabo de arraia
 Faca de ponta, zagaia
 Foi ganhando promoção
 Mas quis a sorte
 E uma lança certa
 O roubou a derradeira
 Esperança de liberdade
 Sangue correu
 Em pantanais paraguaio
 Em mais uma terra estranha
 Um corpo negro tombou
 E o seu sangue
 Não era preto, nem escravo
 Nem azul, nem de outra cor
 Era vermelho
 Que se espalhou como vento
 Trazendo um forte alento
 Para o povo brasileiro
 Camaradinha”²².

²¹ LOPES, Alisson Rafael de Sousa. **A História da Capoeira no Brasil: Da marginalização a condição de Patrimônio cultural.** Trabalho de conclusão de Direito do Centro Universitário do Distrito Federal – UDF. Brasília, 2010.

²² COBRA, mestre. **Guerra do Paraguai.** Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=XY_TUNzX6-g. Acessado em: 11/03/2016.

A capoeira, como tradição viva²³ que é, canta a sua própria história. A história da capoeira se mistura com a história do negro no Brasil. Na ladainha acima que conta a história da Guerra do Paraguai mostra como vários negros se inscreveram na frente de batalha, fossem livres ou escravos imaginando que ganhariam recompensas ao fim da Guerra. Mas como a própria ladainha nos conta muitos não conseguiram voltar com vida das batalhas. Ela fala do negro Tião corajoso e que com seus golpes de capoeira consegue vencer várias batalhas, porém, é acertado e morre enfatizando o triste fim de muitos dos negros que iam para as batalhas e que ali e mesmo depois do fim da Guerra se tornavam mais um corpo esquecido em terras estranhas e na sua própria terra. A ladainha também apresenta um sentido da igualdade almejada, quando fala do sangue do negro que não era diferente do sangue de ninguém, era vermelho como o de todos nós.

Com essa marginalização da capoeira muitos capoeiristas se uniram em seus bairros no Rio de Janeiro para praticarem a capoeira, esses grupos eram chamados de maltas. As maltas eram vistas como violentas porque eram constantes as lutas entre maltas inimigas com a utilização de instrumentos cortantes. Além de lutarem entre eles, lutavam também por liberdade:

“A malta de capoeira é a unidade fundamental da atuação dos praticantes da capoeiragem. Formada por três, vinte e até mesmo cem indivíduos, a malta de capoeira era a forma associativa de resistência mais comum entre escravos e homens livres pobres do Rio de Janeiro da metade do século XIX”²⁴.

Essas maltas serviram muitas vezes ao Império, como capangas de autoridades que representavam setores políticos específicos, como os conservadores e liberais. No entanto, por servir a política não estavam isentos do controle policial. Mesmo porque entre as maltas adversárias havia enfrentamentos.

Em 1890 é promulgada a Lei nº487 de autoria de Sampaio Ferraz, que proíbe a prática da capoeira no artigo 402 que tratava ‘Dos vadios e capoeiras’,²⁵ no mandato do então presidente Marechal Deodoro Da Fonseca, que dizia:

“Dos vadios e capoeiras
Artigo 402 – Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem, andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou inculcando temor de algum mal; Pena de prisão celular por dois a seis meses. A pena é a do artigo 96, parágrafo único – É considerado circunstância

²³ Cf.: HAMPATE BA, Amadou. Capítulo 8. História Geral da África, vol.1. Brasília: UNESCO, 2010.

²⁴ SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial.** Rio de Janeiro: Access, 1999, p.44.

²⁵ LOPES, **op.cit.**, p.17

agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá o dobro. Artigo 403 – No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do artigo 400. Parágrafo único. Se for estrangeiro, será deportado, depois de cumprir a pena. Artigo 404 – Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes”²⁶.

A capoeira foi durante muito tempo conhecida como uma pratica de malandros e violentos, um jogo de escravos que deveria ser reprimida, até porque essa pratica gerava lutadores ágeis, confiantes e unidos além de dar um sentimento de nacionalidade e preservação de suas raízes, se fazendo assim a lei acima citada, como uma tentativa de enfraquecer e conter a capoeira. Só se tem notícias das maltas no Rio de Janeiro, porém, em cada região do Brasil os escravizados e ex-escravizados se organizaram de formas diferentes e produziram sua luta dançada que tem o nome de capoeira.

Podemos perceber que a capoeira e seus praticantes foram perseguidos e que isto se deve principalmente por se tratar de uma pratica cultural criada por africanos e seus descendentes. E infelizmente ainda vemos muitas destas perseguições em relação a cultura afro-brasileira e não é só os capoeiristas que sofrem, mas todos que de alguma forma fazem parte ou assumem as culturas negras como suas também. Como a capoeira resistiu e resiste até hoje, apesar de alguns quererem mudá-la, todas as culturas negras precisam resistir e lutar, pois só assim conseguir-se-á um país equânime.

A capoeira na Bahia: o início das academias de mestre Bimba e mestre Pastinha.

Vamos falar um pouco da história da capoeira na Bahia, e com isso falar desses dois grandes mestres, que são Bimba e Pastinha, eles são os mais conhecidos por terem tido certo destaque e por suas histórias terem sido as mais documentadas. Mas isso não quer dizer que a capoeira só estava presente na Bahia ela já circulava o Brasil, como bem explicitou-se sobre a capoeira do Rio de Janeiro no século anterior.

Os mestres Bimba e Pastinha, são considerados lendas da capoeira. É como se fossem os avôs ou tataravôs dos atuais capoeiristas, a representação mais próxima dos ancestrais que geram os fundamentos da roda. Ambos nasceram em Salvador na Bahia na época em que a capoeira era considerada crime.

Em 23 de novembro de 1900, início de um novo século nasce Manuel dos Reis Machado, o mestre Bimba, apelido que recebeu desde o nascimento devido a uma aposta

²⁶ BRASIL, *apud*. In: LOPES, *op.cit.*, p.17

feita entre sua mãe Maria Martinha do Bomfim e a parteira que lhe trouxe ao mundo. Sua mãe dizia que seria uma menina, apostaram e ela perdeu o recém-nascido Manuel recebeu o apelido de Bimba, que na Bahia é um nome popular do órgão sexual masculino. Seu pai Luiz Cândido Machado era campeão de batuque uma luta popular da Bahia.²⁷

Bimba iniciou-se na capoeira aos 12 anos de idade. Seu mestre foi o mestre africano Bentinho capitão da Companhia Baiana de Navegações, no que hoje é o bairro da Liberdade. Nesta época a capoeira ainda era muito perseguida. Mestre Bimba dizia que naquela época capoeira era coisa para carroceiro, trapicheiro, estivador, genericamente conhecidos, como malandros. A polícia sempre perseguia os capoeiristas e se fossem pegos brigando, eram amarrados cada punho em um rabo de cavalo e em seguida os cavalos eram postos para correr em paralelo até o quartel. Comentavam por brincadeira que era melhor brigar perto do quartel, pois assim teriam a chance de sobreviver a esse castigo, tendo em vista que a distância acabava não deixando muitos vivos, quando chegavam ao quartel.

Nessa época Bimba começou a perceber que a capoeira e os capoeiristas estavam começando a ser folclorizados. Não que isso tenha sido ruim para a capoeira, pois foi a partir do interesse desses folcloristas que muito da história da capoeira foi registrada e muitos capoeiristas ficaram conhecidos nacional e internacionalmente. A consequência desse movimento de folclorização não apenas da capoeira, mas de todas as manifestações populares brasileiras, foi para a capoeira nas palavras de Bimba, um movimento também da perda dos golpes, pois a capoeira espetáculo, pouco os utilizava. Foi aí que Bimba começou a criar sua própria capoeira, o mesmo misturou golpes do batuque, luta popular na Bahia em que seu pai era campeão.

“Bimba lembra: fui estivador durante 14 anos, comecei com 13 anos, carregava até 120 Kg. Comecei a ensinar capoeira em 1918, no Engenho Velho de Brotas. O nome da Academia era ‘CLUBE UNIÃO EM APUROS’, sempre estando acompanhado de mais de trinta homens. O primeiro aluno foi ‘Oscar Bozó’, mas outros famosos existiram: Siríaco Pequeno, Ovídio, Três Pedacos, João Qualquer Hora, Funga-Funga, Paulo Malvadeza e uma porção mais. Eu fiz a capoeira regional. Enquanto estudava e praticava a de Angola, fui inventando e aperfeiçoando novos golpes. Hoje a Angola tem 9, a Regional tem 120. Hoje, muita gente aprende alguma coisa com alunos meus e depois diz que “esta é a verdadeira Regional”.”²⁸

²⁷Cf.: ALMEIDA, Raimundo Cesar Alves de. **A saga do mestre Bimba**. Salvador, ed. Ginga Associação de Capoeira. 2002.

²⁷ CAPOEIRA, **op.cit.**

²⁸BIMBA, Mestre. **apud.** ALMEIDA, p.17.

Como ele mesmo fala, ele jogava uma capoeira de angola, mas que não lhe satisfazia, assim criou a capoeira regional. Com a criação da capoeira regional por Bimba teve-se início um debate filosófico sobre as funções sociais da capoeira angola e regional. As duas com suas diferenças, mas também suas semelhanças; “a capoeira angola no cenário social da Bahia, estabelecendo elos entre a capoeira de escravo com ânsia de liberdade, como dizia o próprio mestre Pastinha, e a capoeira ritual, símbolo da identidade nacional²⁹”. A capoeira regional com um olhar voltado mais para as artes marciais, tentando categorizar a capoeira como uma luta que não era só de escravos, mas de todas as classes sociais, colocando-a em um lugar de aceitação social, criando as academias que deram regras e um lugar diferenciado da rua, da vadiagem para a prática da mesma.

“Quando eu fui pra Liberdade
 Quando eu fui pra Liberdade,
 Eu passei pelo Barbalho,
 Encontrei Getúlio Vargas oh meu bem com o ministro do trabalho.
 A balei me pediu com toda veneração
 que atuasse na cabeça, oh meu bem, não é nas cadeiras não
 É verdade Waldemar
 Sua palavra valeu
 O discípulo deu no Mestre oh bem
 Capoeira me venceu³⁰”.

Esta ladainha é uma narração com verossimilhança a realidade, além de ser uma raridade, gravação da década de 1960-70 de mestre Canjiquinha. Nela fala-se do encontro que Bimba teve com Getúlio Vargas. O que percebemos com clareza são as contradições existentes na mesma. Getúlio, o presidente do país naquele momento, sendo chamado por Bimba de Baleia, indicando certo desprezo. O verso que diz para que o mesmo atuasse na cabeça e não nas cadeiras mostra a necessidade de reconhecer a capoeira como brasileira. Ou seja, um pedido para ele sair das rédeas da burocracia e ver o que se passa no cotidiano do país, agir assim com a mente de acordo com as necessidades do povo, que tanto estava sendo exaltado em seus discursos. Para finalizar ele diz que a capoeira o venceu, querendo com isso mostra que a capoeira é mais poderosa que os indivíduos que a jogam. Sem dúvida foi um encontro que mudou o futuro da capoeira e que merece ser lembrado na ladainha, mas também na História do Brasil.

²⁹MACEDO, Ana Paula Resende. **A capoeira angola**: história, persistências e transformações. História e Perspectivas, Uberlândia (34): p. 425-461, Jan. Jun. 2006. p. 426

³⁰ CANJQUINHA, Mestre. **Encontro de Bimba e Getúlio Vargas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EnLoryALnfQ>. Acessado em: 03/04/2016

Antes do mestre Bimba não existia aulas de capoeira como temos hoje, quem tinha interesse observava e depois ia aprendendo sozinho, vez por outra o mestre dava uma ajuda, mas não passava de dicas, após a abertura das academias a capoeira foi ganhando cada vez mais espaço no cenário não marginal do país, como exemplo da cultura nacional. Em 1949 Bimba foi para São Paulo com alguns alunos fazer uma serie de lutas com lutadores de outras modalidades, isso foi o início de um novo olhar para a capoeira. Em 1953 Bimba fez uma apresentação para o então presidente Getúlio Vargas, na ocasião além de dar um abraço em Bimba, Getúlio disse que “a capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional”.

Bimba foi um grande representante da capoeira. Desgostoso por não ter seu trabalho reconhecido pelas autoridades públicas, em 1970, Bimba muda-se da Bahia para Goiânia, onde chegou a disser que “não voltarei mais, se não gozar de nada em Goiânia, vou gozar de seu cemitério”³¹. Em 1974, faleceu aos setenta e quatro anos de idade em Goiânia.

“O dia que o berimbau chorou
 No dia em que a capoeira sofreu
 Foi quando falaram que Bimba
 Mestre da Bahia morreu
 (Coro) o dia que o berimbau...
 O dia que o berimbau chorou
 No dia em que a capoeira sofreu
 Foi quando falaram que Bimba
 Mestre da Bahia morreu
 (Coro) o dia que o berimbau...
 Saiu da Bahia
 Pra dar aula em Goiás
 Levando na memória
 Só a lembrança de seus pais
 Em 5 de fevereiro
 Toda a Bahia sofreu
 Ao saber que Mestre Bimba
 Em Goiânia faleceu
 (Coro) o dia que o berimbau...
 Não dá pra entender
 Como isso pôde acontecer
 O Mestre sair da Bahia
 Pra em Goiânia viver
 Vendeu sua academia
 No nordeste de Amaralina
 Lugar onde acontecia
 Batizado e formatura
 (Coro) o dia que o berimbau...
 O destino foi cruel
 Pra Manoel dos Reis Machado
 Ajudou a capoeira
 Por muitos não foi respeitado
 Longe de sua terra

³¹ CAPOEIRA, *opi.cit.*, p.53

Morreu triste amargurado
Também muito arrependido
Por ter num aluno confiado
(Coro) o dia que o berimbau”³².

A ladainha acima fala da morte de Bimba, um pouco de sua trajetória e importância para a capoeira. Seu triste fim em Goiás, local que foi na esperança de encontrar o respeito e reconhecimento tão merecidos e desejados, não mudou seu destino, o prometido não se cumpriu e acabou morrendo sozinho³³.

A capoeira regional do mestre Bimba, como ele mesmo diz, teve uma base da capoeira angola. No entanto, ele a negava, pois via a necessidade de marcar o lado marcial dessa prática. Assim, ele justifica a introdução de alguns golpes de outras artes marciais. Outros elementos também foram introduzidos, por isso era uma disputa também filosófica ou até mesmo ideológica. Por exemplo, na regional existe o conceito de graduação “na academia de mestre Bimba, existiam três níveis hierárquicos: calouro, formado e formado especializado. As graduações eram determinadas por um lenço amarrado na cintura”.³⁴ Porém mesmo com as graduações, para um capoeirista se torna mestre ele precisa fazer por merecer. Ou seja, além de ter o grau, ele precisa seguir os ensinamentos da capoeira.

A capoeira angola, que se vangloriava por ser a mais tradicional, não conseguiu muitos adeptos naquele momento para além da própria cidade de Salvador. Um pouco esquecida no plano Nacional, seu guardião e idealizador da academia com esse título de angola também não teve reconhecimento governamental, morreu pobre e cego num pequeno quarto situado no Pelourinho. Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha nasceu em 05 de abril de 1889 na Bahia, filho de um espanhol, José Senhor Pastinha e de uma baiana, Eugênia Maria de Carvalho.

Pastinha foi iniciado ainda criança por um preto de Angola chamado Benedito que fez isso por ver inúmeras vezes o menino apanhando de garotos mais velhos. Pastinha passou a ir à casa de Benedito todos os dias para aprender capoeira. Certo dia, Pastinha encontrou o mesmo garoto que sempre batia nele, porém, desta vez foi

³²CAPOEIRA, Abadá. **O dia que o berimbau chorou**. Disponível em:

<https://www.letras.mus.br/abada-capoeira/1721235/>. Acessado em: 23/04/2016.

³³ Documentário “**Mestre Bimba A capoeira iluminada**” disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=INhSuNR_iuE. Acessado em: 13/05/2016.

³⁴WIKIPÉDIA. **Capoeira**. http://pt.wikipedia.org/wiki/Capoeira#Golpes_e_movimentos. Acessado em: 11/02/2016.

diferente, o rival acabou no chão e sem entender a rasteira³⁵ que levou. Pastinha também frequentou o Liceu e aprendeu pintura. Passou oito anos na Marinha e quando saiu de lá, passou a ensinar capoeira. Foi também leão-de-chácara³⁶ de uma casa de jogo.

Pastinha sempre praticou a capoeira tradicional, foi guardião das histórias a ela relacionadas, como a prática dos escravizados. Durante as mudanças que a capoeira baiana vivenciou nas décadas de 1930-50, Pastinha sentiu a necessidade de preservar a capoeira tradicional, abrindo anos depois da de Bimba sua academia, que para diferenciar colocou o nome de Centro Esportivo de Capoeira Angola e introduziu o uniforme amarelo e preto pelo amor ao time de Futebol Ypiranga, cujo uniforme é amarelo e preto. Com seu axé, seu carisma e sua personalidade gentil teve sua academia frequentada por grandes angoleiros e artistas da época. Inclusive o escritor Jorge Amado.

O mestre Pastinha ficou conhecido como filósofo da capoeira por seus pensamentos acerca da mesma: “Capoeira, mandinga de escravo em ânsia de liberdade. Seu princípio não tem método, seu fim é inconcebível ao mais sábio dos mestres”³⁷.

Pastinha, aos oitenta e dois anos de idade, teve sua academia tomada sob pretexto de reformas do Largo do Pelourinho. E sua sede foi transformada no que é hoje o Restaurante do SENAC. Morreu aos noventa e dois anos em 13 de novembro de 1981, deixando grandes alunos como mestre João Grande e mestre João Pequeno, conhecidos tanto nacional como internacionalmente.

“Toda Bahia chorou
 No dia que a capoeira de angola
 Perdeu seu protetor
 Mestre pastinha foi embora
 Oxalá quem o levou
 Lá pras terras de aruanda
 Mas ninguém se conformou
 Chorou general, menino
 Chorou mocinha e doutor
 Pretas velhas
 Feiticeiros
 Ogans e babalaô
 Berimbau tocou iuna
 Num toque triste de morte
 E a capoeira foi jogada
 Ao som da triste canção
 Da boca do mandingueiro
 De dentro do coração

³⁵ Dessa história não se conhece o golpe que foi dado, mas nesse texto rasteira aparece metaforicamente como algo que o rival não esperava.

³⁶ Leão-de-chácara era uma espécie de segurança da época, geralmente esses lugares eram barra pesada e sempre tinha confusões.

³⁷ CAPOEIRA, *op. cit.*, p.56.

E não houve na Bahia
Quem não cantasse esse refrão
Vai lá menino
Mostra o que o mestre ensinou
Mostra que arrancaram a planta
Mas a semente brotou
E se for bem cultivada
Dará bom fruto e bela flor (bis)³⁸.

Essa ladainha expressa o sentimento de perda que a Bahia e em especial a capoeira angola sentiram com a morte do mestre Pastinha, expressando o papel do mestre Pastinha como defensor e guardião. Diferente da ladainha da morte do mestre Bimba esta é cheia de espiritualidades e até mais melancólica, bem no estilo da angola, que sem distinção de raça, classe ou gênero aceitava a todos.

A capoeira é também seus mestres. Esses são historicamente os dois os mais antigos, ou conhecidos, na verdade por serem muito estudados nas áreas científicas. Sobre os mestres do período existem outras documentações e atualmente mais produção acadêmica, como exemplo o mestre o Waldemar, ou trazendo diferentes temas, como gênero. E assim com a capoeira vai se instalando como tema científico de produções acadêmicas em diferentes áreas do conhecimento.

A capoeira nos dias atuais

A capoeira passou por um grande processo desde sua origem até os dias atuais, como toda expressão cultural teve seus altos e baixos, sua permanência dependeu da força de vontade dos seus praticantes que nunca desistiram de mantê-la viva com mudanças e preservações.

O que percebemos é que a capoeira ganhou o mundo e é uma das mais importantes formas de divulgação da cultura brasileira e do idioma português. Por meio dos cantos em português com várias palavras de origem provavelmente banto, a língua (brasileira) se difunde em todo mundo.

Mas essa globalização da capoeira tem várias faces. Ela também acabou se tornando um produto no mercado capitalista criando rivalidades e conflitos. No entanto,

³⁸ ABADA capoeira. **Toda Bahia chorou**. Disponível em: <https://www.lettras.com/abada-capoeira/1681951/>. Acessado em: 11/02/2016.

esse quadro não diminui o fato de que não são apenas os brasileiros que praticam a capoeira que lutam por sua preservação, mas sim capoeiristas em todo mundo.

Um passo importante para essa visualização foi o registro da roda de capoeira no IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), desde 15 de julho de 2008. E como patrimônio imaterial da humanidade, é mais recente:

“Patrimônio Imaterial da Humanidade - A 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda aprovou, em novembro de 2014, em Paris, a Roda de Capoeira, um dos símbolos do Brasil mais reconhecidos internacionalmente, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. O reconhecimento da Roda de Capoeira, pela UNESCO, é uma conquista muito importante para a cultura brasileira e expressa a história de resistência negra no Brasil, durante e após a escravidão. Originada no século XVII, em pleno período escravista, desenvolveu-se como forma de sociabilidade e solidariedade entre os africanos escravizados, estratégia para lidarem com o controle e a violência. Hoje, é um dos maiores símbolos da identidade brasileira e está presente em todo território nacional, além de praticada em mais de 160 países, em todos os continentes”³⁹.

Apesar do reconhecimento nacional e internacional é necessário enfatizar que são os capoeiristas que preservam e difundem a capoeira. O Estado ou a UNESCO não garante nenhuma política que melhore as condições de vida de mestre que ainda se encontram em condições de pobreza.

Concluimos que apesar de todas as dificuldades que a capoeira passou e ainda passa, a mesma continua forte e lutando pelos seus ideais e pelo que sempre lutou a liberdade, liberdade de brincar, de se expressar, de se colocar no lugar de agentes e não a margem da história.

³⁹ UNESCO. **Capoeira Patrimônio Imaterial da Humanidade**. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>. Acessado em: 27/05/2016.

Capítulo II

A LEI 10.639/2003 E A CAPOEIRA

A Lei 10.639/03 é uma importante ação afirmativa para a população brasileira, seja negra ou branca. Ela modifica a Lei de Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ficando assim:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficial e particular, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira: 1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o resultado da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil”⁴⁰.

Interpretando o artigo da Lei fica claro sua obrigatoriedade em repassar para os alunos a história e a cultura, não só da África, mas também dos africanos no Brasil e afro-brasileiros. Assim, percebemos o quão essa Lei é importante, pois a partir dela podemos mostrar como a cultura negra é não só dos negros, mas de todos os brasileiros. Devemos respeitar e conhecer as nossas influências culturais, nossas raízes para criarmos conceitos sobre nós mesmo, ao invés de repetirmos preconceito. O que vemos é que 13 anos após sua promulgação a mesma ainda não está sendo cumprida em seu texto total. Sabemos que não é será fácil desfazer anos de opressão e descaso, mas com determinação e vontade conseguiremos chegar a um país com consciência de si mesmo.

O que vemos é que os docentes ainda não estão prontos para colocá-la em prática. Em parte, a culpa não é deles, se o governo muda o PNE (Plano Nacional da Educação) o mesmo tem que dar amparo para esses docentes, que em sua maioria nunca tiveram o contado necessário com debates étnicos raciais e nem com a história africana e afro-brasileira. É normal que se sintam inseguros e coagidos a trabalhar com os temas, criando certa resistência.

Percebemos em muitas escolas que só se fala em África no que chamam “semana da África” que antecede o dia da consciência negra, comemorado dia 20 de novembro. Como essa semana fosse suficiente para falar de cultura, costumes, crenças, rituais, lutas, etc. e outras questões históricas e sociológicas à cerca da história da

⁴⁰ BRASIL, *apud*: JESUS, Regina de Fatima; ARAÚJO, Mairce; CUNHA, Henrique (org.) **Dez anos da Lei nº 10.639/03: memórias e perspectivas**. Fortaleza: Edição UFC, 2013. p.11.

formação cultural e social brasileira. Essas questões aparecem sempre como um apêndice dos conteúdos, compreendidos como universais.

Sabemos que não seria algo tão complicado falar da história dos afro-brasileiros, pois o mesmo é a base da história do Brasil, e, portanto, do nosso cotidiano. Podemos dizer que o Brasil não seria o que é hoje sem a contribuição dos africanos:

“Foram quatro séculos de imensas ondas africanas que bateram constantemente nas praias brasileiras [...]. De tudo e em tudo que seja Brasil está presente a marca ancestral africana. Na flora, onde se transportam os baobás, dendezeiros, gameleiras e boldos do chile; na agricultura comercial, onde temos os cafezais, canaviais e algodoeiros; nas minerações e nas construções, onde tivemos tecnologia africana. Seja nas culturas populares ou eruditas, enfim, nas mais diversas formas de inteligência humana, o Brasil é uma consequência do passado africano”⁴¹.

No entanto, a questão reside no fato de ser necessário criar uma Lei para valorizar nossa história. Porque só nos é repassado uma história eurocêntrica e racista. Que começa com Brasil sendo “descoberto” pelos portugueses que trouxeram escravizados africanos, que eram vistos como inferiores. Mas que foram responsáveis pela construção do Brasil que se tem hoje.

Não é difícil encontrar pessoas que pensam que a África é um país e não um continente, que acham que só existe miséria, pessoas sujas e incapazes. Mas a verdade é que a África é um continente rico, composto por suas culturas, suas pessoas e riquezas naturais. Talvez não tanto como foi um dia, e isto não se deve por eles serem inferiores, mas sim por que, como o Brasil, muitos países da África foram colonizados e seus colonizadores impuseram uma perspectiva econômica de dependência, como também cultural. A própria ideia de independência foi construída no amago do ideal de um governo ocidental, os novos Estados já nascem tutelados.

O etnocentrismo, transfigurado em eurocentrismo, difundido a partir do século XIX como ciência tem como aspecto essencial transformar as diferenças em defeitos. Aquilo que não se encaixa na imagem da cultura ocidental, grego-cristã, é desqualificada como não universal; e, portanto, dispensável. As culturas africanas, os valores e formas de governo e sociabilidade distintas da europeia, nesse sentido, são entendidos como menos importantes e assim são desqualificadas como fonte de conhecimento. Acabam sendo tratadas como incompletas e conseqüentemente passíveis de adequação a um padrão evolutivo imaginado e vivenciado como melhor. Manter essa visão universalizante significa negar nossas próprias raízes que sem dúvida alguma não são

⁴¹ JESUS, Regina de Fatima; ARAÚJO, Mairce; CUNHA, Henrique (org.) **Dez anos da Lei nº 10.639/03: memórias e perspectivas**. Fortaleza: Edição UFC, 2013. p. 28.

apenas europeias. Parte significativa do que somos hoje é graças aos antepassados africanos.

Um termo africano que define bem o que estamos tentando dizer, é o sankofa que na filosofia dos Akãs povo dominado pelo Império dos Ashantis, significa voltar ao passado para construir um futuro. A imagem do sankofa é um pássaro com duas cabeças, uma voltada para trás, como quem olha o passado, e a outra para o futuro. E se quisermos construir um futuro melhor é isso que temos que fazer olhar o nosso passado para nos entendermos com olhos para o futuro.

Desfazendo o mito da democracia racial no Brasil

Na década de 30 com a difusão e aceitação de que o Brasil seria composto pelas três raças, branco, negro e índio, cria-se uma falsa ideia de que essas raças vivem em harmonia, como numa democracia racial. A partir de então se vê o Brasil como um paraíso racial, onde não há nenhum tipo de discriminação e todos são tratados igualmente. Na verdade, a discriminação se dá no cotidiano que essa democracia é consolidada, em que as oportunidades não são iguais a todos, apesar do discurso.

A verdade é que vivemos em um país extremamente racista. A pessoa que faz uma ação discriminatória e depois diz: -Eu não sou racista! É fruto dessa construção histórica. O racismo está tão diluído na sociedade que por vezes falamos ou fazemos coisas racistas achando que é normal. Um exemplo é quando as pessoas veem uma criança negra falam com carinho “meu pretinho/negrinho”, ela está falando com carinho, mas tem um teor racista, se a mesma ver uma criança branca, ela não vai dizer “meu clarinho/ branquinho”, diz fofinho, lindinho, etc.

Por isso temos que tentar desconstruir essa visão de que o Brasil não é racista, para assim conseguirmos muda-lo. E isso só se consegue dando informação ao povo, escutando-o também, reeducando, e se educando, orientando a visão da formação indenitária brasileira a partir de outros pressupostos. Para isso a educação é um grande instrumento. É como uma pessoa doente que para se tratar precisa admitir que esteja doente. Por isso é de suma importância o total cumprimento da Lei 10.639/03, pois assim poderemos conhecer e entender o nosso passado para construir uma identidade conscientemente brasileira. Pois a Lei pretende dar informações que nos foram negadas.

Conhecer a história do negro é valorizar os muitos heróis que ajudaram na construção do país que vivemos hoje. Esses heróis, como Pastinha e Bimba, por muitos, não são se quer conhecidos. Não se ouve falar em heróis negros nos livros de história,

quem aparece são os brancos como Pedro Álvares Cabral, D. Pedro I, Tiradentes; enquanto que o negro é visto como escravo e malandro. Não é, portanto, de se assustar, quando as estatísticas apontam para um genocídio de jovens negros nas favelas e comunidades carentes⁴².

Essa Lei é uma conquista importante. Sabemos não será cumprida da noite para o dia, mas os esforços estão sendo feitos. Existem cursos de pós-graduação que têm a Lei como base para que um dia nossos docentes consigam repassar uma nova história do Brasil. Para que assim o país possa reconhecer suas várias influências e dar o valor a elas de forma equânime. Isso é importante para a formação de cada brasileiro seja ele negro, índio ou branco, independentemente de cor, classe social, religião, gênero, etc.

Capoeira na Educação Infantil

Ao partir das sabedorias históricas e culturais, além das possibilidades corporais, musicais e lúdicas que a capoeira oferece, podemos colocar em prática o que diz a Lei 10.639/03. A capoeira como foi explicada é uma manifestação cultural de origem africana. Segundo José Sobrinho “É importante salientar que a capoeira é uma manifestação da cultura popular afro-brasileira”⁴³ por isso tem todas as condições para ajudar a implementação e cumprimento da Lei 10.639/03.

Vemos que a capoeira tem inúmeros saberes que podem de diversas formas ajudar no desenvolvimento infantil, pois quando a criança está praticando a capoeira não aprende apenas a jogar, mas também a cantar e a valorizar os seus ancestrais que são obrigatoriamente negros. Na prática da capoeira existem várias canções que são transmitidas oralmente e que ensinam o valor de ser negro, o valor da cultura africana, os desafios de ser descendentes de africanos, marcados pela visão de ex-escravos. Existem também uma bateria de três a oito instrumentos, onde a criança pode aprender a tocar, mas também a cantar, acompanhar o ritmo. Além dos movimentos (golpes) que vão ajudar no seu desenvolvimento motor.

No nosso trabalho observamos crianças de três a seis anos que já estão frequentando alguma instituição de ensino, em sua maioria os Centros de Educação

⁴² PAIXÃO, Marcelo. CARVANO, Luiz M. “Censo e Demografia: a variável cor ou raça nos interiores dos sistemas censitários brasileiros”. In: SANSONE, Lívio. **Raça e Etnicidade**. 2 ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

⁴³ SOBRINHO, José Hlário Ferreira. “Cultura popular e as culturas afrodescendentes”. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Negros no Ceará: história, memória e etnicidade**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secult, 2009. p.77.

Infantil. As turmas costumam ser multisseriadas, uma prática comum nos interiores, onde a poucos alunos de mesma idade e poucos professores, então junta-se crianças de diferentes idades para formar uma turma. “A educação infantil no Brasil caracteriza-se como primeira etapa da educação básica, dever do estado, direito da criança e opção da família, não sendo, portanto, obrigatória”⁴⁴.

Hoje a educação infantil é vista como parte integrante e essencial para o desenvolvimento da criança, no entanto, nem sempre foi assim, era vista por muitos como desnecessária. No Brasil escravista só os filhos de senhores e nobres tinham acesso à educação, que se dava muitas vezes em casa ou em instituições religiosas e isso ainda ocorreu durante o Brasil imperial e parte da república. Somente a partir dos anos 70 com os movimentos sociais, que lutavam por liberdade e direitos, o movimento feminista veio na mesma fortemente reivindicando igualdade nos trabalhos e para tanto, a criação das creches e Centros de Educação Infantil. Destaca-se também desse período as reivindicações do movimento negro que já criava o modelo de escola onde a valorização da cultura negra e afro-brasileira existisse.

Por volta da metade da década de 1980 os movimentos sociais estreitaram o cerco e exigiram da nova Assembleia Nacional Constituinte um olhar para a criança:

“A partir desse período, em decorrência de longo processo de lutas e conquistas, a infância é colocada na agenda pública, entendendo a criança como sujeito de direitos, reforçando a concepção de criança cidadã da infância como tempo de vivência plena de direitos. Falar em direitos supõe considerar condições básicas de exercícios de uma educação de qualidade para todos em nível dos sistemas educativos, como das instituições de Educação Infantil, em diálogo e parceria permanente com outras áreas de apoio: saúde, educação, bem-estar social, Ministério Público, Conselhos Tutelares e de Defesa dos Direitos da Criança”⁴⁵.

Após este momento de luta por direitos e igualdade foi sancionada a Lei 8.069 de 13 de julho de 1990 que dispõe sobre o estatuto da criança e adolescente, considerada uma das leis mais completas em relação à criança e adolescente, onde aponta seus direitos e deveres:

“Título I Das Disposições Preliminares Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade; Art. 58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos

⁴⁴ Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais** Brasília: SECAD, 2006. p.30.

⁴⁵ Idem.

próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura”⁴⁶.

Apesar da Lei, em alguns casos ela não é cumprida. O Estado deveria assegurar o atendimento em creches e pré-escolas, mas o que vemos, principalmente nos interiores, é que os Centros de Educação Infantil não têm períodos integrais. Assim, as mães deixam de trabalhar por não ter com quem deixarem seus filhos. Outra questão é que não se cumpre a Lei 10.639, pois é do senso comum que a educação infantil não é muito importante.

Neste caso, este trabalho pretende auxiliar professores e gestores da rede de educação infantil que queiram sanar com essa deficiência. Unindo a proposta do Estatuto da Criança e do Adolescente com a Lei 10.639 para assegurar que as crianças possam conhecer e vivenciar as culturas de matrizes africanas, no caso a capoeira. Acapoeira se torna uma grande aliada por ter a ludicidade como fundamento, a movimentação corporal como saúde física e treinamento mental, além de ser flexível em relação as idades do público alvo.

Transversalidade da capoeira para os conteúdos do ensino formal

A capoeira hoje, podemos dizer, está buscando um espaço na Educação Formal. Algumas escolas que possuem o programa Mais Educação do governo federal, em que os alunos fazem atividades no contra turno, se ocupam da capoeira. O Mais Educação proporciona atividades culturais, artísticas, esportivas, pedagógicas, a critério de cada escola. Assim, a capoeira tem sido muito utilizada de forma bem sucedida, mas ainda é tratada como apêndice do desenvolvimento da criança e do jovem.

Sem dúvida a capoeira tem muitos elementos que podem e devem ser utilizados no ensino fundamental e médio, como também no ensino infantil como disse a mestra Cristina:

“São elementos muito ricos para trabalhar com a educação, formação das crianças, o contexto da roda, por exemplo, é um contexto muito interessante, que eles precisam se organizar para esta ali, precisam se solidarizar pra poder a roda acontecer, quando um está jogando o outro tá tocando, outro está sentado cantando fazendo a roda acontecer, é um espaço onde eles têm que trocar muito[...] sem a contribuição de todos a roda não acontece”⁴⁷.

⁴⁶ Presidência da República. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acessado em: 22/06/2016.

⁴⁷ Cristina Nascimento Dias Santos, entrou na capoeira em 1993, foi a primeira contra mestra e mestra do Rio de Janeiro, discípula de mestre Manoel, fazia parte do grupo Ypiranga de Pastinha, do qual se desvinculou em 2008. Dando continuidade em seu trabalho na capoeira a mesma está à frente do grupo Mucambo de Aruanda no Rio de Janeiro, além de ser pedagoga e trabalhar na educação.

Nesse contexto a roda de capoeira é excelente instrumento de socialização, aprendizado e convivência, onde cada criança tem seu papel e deve cumpri-lo para que assim a brincadeira aconteça.

A capoeira possui um leque de opções para quem a procura, quando pensamos capoeira na escola logo vem à educação física por vários motivos: o primeiro é a própria dinâmica de movimentação, mas também uma ideia errônea que tem atravessado as políticas públicas sobre regulamentação das profissões e tem atingido a capoeira. No entanto, a capoeira está longe de ser enquadrada num tipo único de área de conhecimento. A capoeira pode nos servir em várias outras áreas como história, artes, literatura, geografia, música, dança, teatro, vamos retratar de forma simples como a capoeira se enquadra também nessas áreas.

Nas ladainhas podemos encontrar uma infinidade de assuntos, elas podem falar do passado, presente e até futuro. As ladainhas são as memórias da capoeira, mas também as análises sociológicas atuais, como também uma filosofia de vida, ou um desabafo das relações pessoais no cotidiano. Nelas podemos contar sobre acontecimentos importantes do passado como a ladainha já citada, falando da guerra do Paraguai, a do encontro do Bimba com Getúlio Vargas, ou sobre homenagens aos mestres que mostram a importância de cada um para a capoeira e História do Brasil. Para muitos outros fatos da história e do cotidiano, as ladainhas são um bem precioso que têm que ser valorizadas e estudadas.

A história da capoeira se confundiu com a história do Brasil. Se fossemos estudar a história do Brasil por meio da capoeira teríamos um longo período histórico analisado e compreendido via esse olhar. Mas também a capoeira nos deixa perceber que a história escolhe determinados fatos para serem lembrados, como podemos ver nas ladainhas do mestre Moraes e de Toni Vargas:

“A história nos engana
Dizendo pelo contrário
Até diz a abolição aconteceu no mês de maio
A prova dessa mentira
É que da miséria eu não saio
Viva 20 de novembro
Momento pra se lembrar
Não vejo em 13 de maio
Nada pra comemorar
Muitos tempos se passaram e o negro sempre a lutar
Zumbi é nosso herói zumbi é nosso herói, colega velho
De palmares foi senhor
Pela causa do homem negro
Foi ele quem mais lutou apesar de toda luta, colega velho

O negro não se libertou, camarada!⁴⁸.

“Dona Isabel que história é essa
 Dona Isabel que história é essa
 de ter feito abolição
 De ser princesa boazinha que libertou a escravidão
 Tô cansado de conversa,
 Tô cansado de ilusão
 Abolição se fez com sangue que inundava este país
 Que o negro transformou em luta,
 Cansado de ser infeliz
 Abolição se fez bem antes e ainda há por se fazer agora
 Com a verdade da favela,
 E não com a mentira da escola
 Dona Isabel chegou a hora
 De se acabar com essa maldade
 De se ensinar aos nossos filhos,
 O quanto custa a liberdade
 Viva Zumbi nosso rei negro,
 Que fez-se herói lá em Palmares
 Viva a cultura desse povo,
 A liberdade verdadeira
 Que já corria nos Quilombos,
 E já jogava capoeira⁴⁹.”

São duas ladainhas que falam do mesmo assunto: a abolição da escravatura. Elas no eu conjunto mostram como a história pode ser contada engrandecendo apenas os governos e colocando no esquecimento aqueles que lutaram pela liberdade. Em concordância com o movimento negro brasileiro após a década de 1970, as duas ladainhas veem nos apresentar vozes silenciadas pela história oficial. Ambas exaltam Zumbi como verdadeiro herói na luta por libertação. A primeira ladainha vem nos mostrar de forma popular que a história mentirosa, apontando o interesse de alguns por essa versão. Por isso o autor diz que não tem o que comemora no dia 13 de maio, pois a liberdade não foi fato nesse dia. A segunda funciona como um complemento, querendo mostrar que a princesa Isabel, a heroína construída pela história oficial não é boazinha por ter assinado a Lei Áurea. A música explica que a liberdade aconteceu à custa de muito sangue negro jorrado. No fim, o compositor traz a problemática do lugar do negro na sociedade brasileira, fazendo ao mesmo tempo um desabafo e um apelo. Ele canta que a liberdade ainda está por vim. Será quando a história for contada apresentando os sujeitos desse processo, valorizando o papel do próprio negro.

⁴⁸ MORAES, mestre. **Rei Zumbi de palmares**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mestre-moraes/1934051/>. Acessado em: 20/04/2016.

⁴⁹ VARGAS, mestre Toni. **Dona Isabel**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mestre-toni-vargas/353001/>. Acessado em: 20/04/2016.

Temos que concordar com mestre Moraes quando diz que na escola não se ensina nada disso, pois mantém a princesa Isabel como grande heroína e os heróis do cotidiano esquecidos. A capoeira além de ser história, é instrumento de registro de uma história não oficial, que ele chama de verdadeira. Com apenas essas duas ladainhas já poderíamos dar uma bela aula de história.

Assim, entendemos que a capoeira é interdisciplinar, pois podemos dar aulas de história, educação física, mas também de geografia, literatura. Na geografia, a mesma ladainha, por exemplo, poderia instigar os alunos a localizar o quilombo dos palmares, o estado, a cidade. Poderíamos pegar um mapa e pedir para os alunos mostrarem em que região do Brasil ficava o quilombo, se era no Norte, sul, leste, oeste, nordeste, noroeste, sudeste, sudoeste, como também onde foi assinada a Lei Áurea. De várias outras formas, dependendo da criatividade do professor a aula de geografia podia ser incentivada via versos da capoeira.

Na literatura poderíamos perguntar quem era o eu lírico do texto, em que categoria de texto literário se enquadra, a linguagem usada é formal ou informal. Mais uma vez vai depender da metodologia de ensino do professor e o conteúdo que ele está dando para fazer da capoeira um instrumento de ensino. O mais importante é que nesse movimento, o professor é capaz de valorizar a cultura de matriz africana raízes dos próprios alunos, que ao se reconhecerem acabam se sentindo atraídos pela aula, ao mesmo tempo que elevam sua autoestima.

Mais uma área que a capoeira pode contribuir são com roteiros para peças teatrais. Como seria interpretar a fuga dos escravizados para os quilombos? Teríamos que utilizar a criatividade para desenvolver os roteiros, a capoeira dá vários elementos e vai depender do professor a maneira de usar. Ela é um instrumento de desenvolvimento da expressão corporal, que pode ser utilizado para enriquecer as técnicas teatrais. O próprio jogar capoeira é um tipo de teatralidade, é a vadiagem, a brincadeira, é a arte da capoeira.

A capoeira é tão completa que engloba não só uma modalidade artística. Uma delas é muito conhecida, mas não é a mais importante, a arte marcial. A capoeira é uma luta, onde duas pessoas se enfrentam, mesmo que muitas vezes o objetivo não seja ganhar, mas simplesmente lutar, ou melhor, jogar. A capoeira é também a arte de cantar. Na capoeira é necessário que se cante, o jogo inteiro é acompanhado por canções e todos têm que cantar seja puxando o corrido ou fazendo o coro. É também arte de compor, caso o capoeirista esteja inspirado. Compor os repentes é algo incentivado. Trazer a

dimensão da histórica para a prática da capoeira, via as ladainhas, corridos, e quadras é importante. A capoeira é a arte do artesanato. Fazer seus próprios instrumentos, principalmente o berimbau é parte dos ensinamentos para um bom capoeirista. Os capoeiristas têm seus próprios instrumentos, que podem ser feitos por ele mesmo, senão ao menos saber como os fazes. Em geral os instrumentos de capoeira são artesanais e utilizam para suas construções elementos naturais. A capoeira é a arte de dançar por que a capoeira é uma ginga, a malemolência do corpo, tudo isso ritmado, quase que coreografado. A capoeira é a arte de tocar da música. Mesmo que limitada ao ritmo da capoeira. Aprender os toques, manter o ritmo (mesmo quando alguém sai dele) não é tarefa fácil, tem que ter muito treino e determinação.

Então a capoeira não é só uma arte ou só uma ciência, ela é capaz de dar subsídios para o desenvolvimento de um ser humano completo. Tudo isso é capoeira e certamente se nossas crianças e jovens tivessem mais disto seriam pessoas mais seguras, mais equilibradas, mais criativas.

Desenvolvimento motor e formação de personalidade por meio da capoeira

A capoeira possui vários elementos que podem nos ajudar de diversas formas no desenvolvimento infantil como já foi pontuado:

“A capoeira é história, filosofia de vida, sentimento de brasilidade, música, dança, jogo ritmo, amor, poesia, educação, cultura e é a arte de brincar com o nosso próprio corpo no tempo e espaço, não só do ponto de vista da psicomotricidade, mas da contextualização da sua própria identidade histórica. Tudo isso é movimento e se é movimento é vida. Movimento e vida são sinônimos de criança⁵⁰”

Comprovando isso Freitas vem nos disser como a capoeira é completa e pode nos auxilia de diversas formas no desenvolvimento psicomotor das crianças e construção de sua identidade.

A motricidade é a capacidade motora da criança. Ela pode ser ampla ou fina, a motricidade ampla é aquela relativa a todo o corpo e a fina é a relativa à destreza das mãos e pontas dos dedos. A segunda é muito utilizada na hora de tocar os instrumentos, pois a partir do manuseio desses instrumentos a criança perceberá as implicações de gestos menores (finos), relacionados aos objetos, o que possibilitará uma melhoria no

⁵⁰ FREITAS, Jorge Luiz de. **Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo**. Curitiba: Editora Gráfica expoente, 1997.

processo de escrita, dentre outras funções que esta habilidade é necessária. A capoeira neste caso é uma ótima metodologia, como nos mostra mestre Ferradura:

“O uso da capoeira para estimular as crianças a manter, aprimorar e, em muitos casos, recuperar movimentos próprios do corpo humano é ponto essencial do trabalho de corpo e movimento para a Educação Infantil”⁵¹.

Mestre Ferradura nos diz que a capoeira vai ajudar no desenvolvimento de crianças nos seus diferentes níveis, seja para aprender, aprimorar ou aperfeiçoar. Ela faz com excelência esse trabalho, pois nos movimentos da capoeira o uso e a descoberta dos limites que o seu corpo pode ultrapassar é um dos êxtases da prática, logo assimilado pela criança.

Muitas vezes as crianças acabam perdendo muito cedo movimentos que elas faziam sem problema nenhum, acabam deixando o corpo acomodado e preguiçoso, a culpa disto em sua maioria não é das crianças, mas dos adultos. Primeiro por que o adulto é um espelho para a criança, se ela o vê sempre sentado, vendo televisão, com um celular, no computador, o que se pode esperar desta criança é que ela tenda a fazer o mesmo. A criança precisa deixar seu corpo expressar, movimentar, rastejar no chão, sentir o que é capaz de fazer com o seu corpo, senti-lo por inteiro. A capoeira produz todas essas sensações de uma só vez, por isso é completa e total.

A nível psicomotor, a capoeira promove capacidades físicas como: força, flexibilidade, coordenação motora, ritmo, equilíbrio, agilidade, noções espaciais e formação da identidade corporal da criança. Por ter como um dos aspectos a luta e a dança, a capoeira é formada principalmente a partir de movimentos corporais, ajudando assim a criança a conhecer o seu próprio corpo. Para as crianças a ideia da luta chega como uma metáfora na qual não existe inimigo e sim idiosincrasias que devem ser levadas em conta na roda da vida. A dança traz além do movimento também a musicalidade, que na capoeira tem papel fundamental, pois dela desencadeia boa parte do processo ritualístico, ou seja, é a partir da musicalidade que os movimentos são executados, os instrumentos são tocados e as canções entoadas. Essa musicalidade vai desenvolver a motricidade, percepção sensorial além de contribuir com a linguagem, explora a audição e o ritmo. A capoeira também ajuda a criança a ter noção de tempo e espaço, pois o jogo é ritmado de acordo com as canções e realizado em uma roda; assim, o espaço da criança é limitado forçando-a a ter a noção de espaço.

⁵¹ BREDA, Omri Ferradura. **A Capoeira como prática pedagógica na Educação Infantil**. Publicado em 23 de junho de 2015. Disponível em www.brincadeiradeangola.com.br. Acessado em: 12/06/2016.

A roda é uma parte importante na prática da capoeira, é onde cada participante tem o livre arbítrio para colocar sua própria expressão corporal e com isso ela possibilita que a criança se expresse como queira, pois não há regras específicas para uma sequência de movimentos, eles não são pré-determinados, facilitando assim sua liberdade de criação. Ela não pode criar seus próprios golpes, mas pode e deve criar sua expressão para além deles. Isso é a essência da capoeira, uma liberdade, brincada dentro de um limite, o ritual da roda.

É importante salientar que em todo esse processo da aprendizagem da capoeira, o saber que a conduz é o respeito, respeito ao próximo, ao outro indivíduo. Na capoeira você joga com o outro e não contra o outro, um é parceiro do outro e não adversário. Este ponto ajuda na sociabilidade da criança, pois a mesma não tem que se preocupar em perder ou ganhar, mas sim em encontrar parceiros, colegas, companheiros de jogo. Aqui se destaca o indivíduo e a sociedade, a capoeira é jogada em grupo e cada um tem um papel importante dentro da roda.

Com tudo isto pode-se perceber como esta manifestação cultural pode nos ajudar de diversas formas no desenvolvimento infantil. Ela nos oferece muito e o melhor que podemos fazer é aproveitar este bem tão precioso, deixado pelos nossos ancestrais africanos.

Formação afetiva antirracial

É na infância que a criança inicia sua visão de mundo, forma sua identidade, vai criando seus conceitos e valores sobre o belo e feio, o bom e mal, o certo e o errado, etc. Por isso é importante que a criança desde cedo tenha contado com raízes culturais, seus antepassados para que assim possam ter seus valores implantados no seu dia a dia. O ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nada mais é que o ensino da história e cultura dos nossos antepassados. Além de trabalhar com as diferenças, distingui-las é um passo fundamental para ascensão da igualdade pois, sem esse reconhecimento a diferença pode se transformar em desigualdade.

Partindo da importância que tem a Lei 10.639/03 vamos falar um pouco da metodologia de ensino proposto por Azoilda Trindade Loretto, que ficou conhecida por meio de um projeto, intitulado A cor da cultura. O objetivo do projeto é:

“Criar materiais audiovisuais sobre história e cultura afro-brasileiras; valorizar iniciativas de inclusão, dando visibilidade a ações afirmativas já promovidas pela sociedade; contribuir para a criação de práticas pedagógicas inclusivas são os objetivos maiores que compõem o projeto “A Cor da Cultura”. O projeto “A Cor da Cultura” é uma parceria entre o Canal Futura,

o CIDAN – Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a TV Globo, a TV Educativa e a Petrobras, visando unir esforços para a valorização e preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro”⁵².

Sua metodologia se dividi em três eixos: Modos de sentir, que se destaca o diálogo e a acolhida; Modos de Interagir, que dialogicamente junta-se prática e teoria, retornando para a prática; e o Modo de Ver, que apresenta os valores civilizatórios afro-brasileiros. Será no Modo de ver que vamos nos aprofundar na metodologia da professora da educação infantil e militante do Movimento Negro Azoilda Loreto. Os Modos de Ver se dividem em: Circularidade, Oralidade, Memória, Energia Vital, Corporeidade, Musicalidade, Ludicidade, Religiosidade, Ancestralidade, Cooperação.

A Circularidade está na questão da roda nas manifestações culturais afro-brasileira que é muito marcante, como a roda de samba, de capoeira, etc. Essa circularidade também está na vida, a mesma não para, ela se mantém em constante movimento, um dia se está bem, no outro nem tanto. A circularidade do saber que está sempre sendo repassado entre o popular e o erudito, flexibilizando essas fronteiras.

A Oralidade este valor é indispensável na cultura afro-brasileira, repassar os saberes através de contos, canções, expressões corporais. Isso não desmerecendo a escrita, mas deve ser aceito como mais uma maneira de se aprender, e também reconhecer que essa é e foi a maneira de registrar e salvaguardar as culturas de matrizes africanas, como elas foram repassadas pelos antepassados para nós nos dias atuais.

A Memória é a melhor forma de salvaguardar a nossa história, que durante tantos anos foi e é escondida, negada pela visão racista que a sociedade tem.

A Energia vital (axé) é a força que emana de tudo, dos seres vivos e elementos da natureza. E nos insere como seres dentro do cosmo, como qualquer outro elemento da natureza.

A Corporeidade ensina a darmos valor a nosso corpo, a potenciá-lo, conhecê-lo e experimentar suas possibilidades e limites. O corpo é expressão, é história, é vida.

A Musicalidade é muito importante. São as canções, os ritmos, a melodia. Característica fundamental de muitas das manifestações afro-brasileiras.

A Ludicidade para viver em uma sociedade discriminatória onde sua cultura e você são vistos como inferiores é importante não se deixar abater e no brincar conseguimos aprender a viver com mais leveza. O lúdico hoje já é visto por muitos

⁵²SANT’ANNA, Wania. **Marco conceitual do projeto a cor da cultura Publicado em 2005.** Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/Marco%20Conceitual.pdf>. Acessado em: 21/07/2016

como método para um melhor aprendizado, onde o aluno vai aprendendo com prazer e de forma suave.

A Religiosidade na cultura negra está em tudo, pois tudo é sagrado: os antepassados, os elementos da natureza, os idosos, etc. Uma religiosidade sem preconceitos doutrinários, mas sim com a ideia de sacralidade em todos os aspectos da vida.

A Ancestralidade é o saber, a história, o passado. Os mais velhos trazem na memória relatos que a história formal não nos diz. São valores que iram nos permitir alimentar uma prática reflexiva e uma crítica amorosa.

Cooperação ou cooperatividade este valor deve nos acompanhar em todos os momentos. A cultura negra nos mostra que um sem o outro não é nada, somente mais um. Cooperação também pode ser entendida como comunitarismo não existe cultura negra sem cooperação, sem a contribuição e participação da comunidade, se formos observar as culturas de matrizes africanas elas sempre estão utilizando a cooperação para acontecer, sem a comunidade como poderíamos fazer uma roda de samba, capoeira, etc. Sendo assim podemos classifica-las como culturas coletivas.

Alguns desses valores vamos procurar mostrar com mais ênfase no capítulo seguinte. Os que estão e podem ser repassados através da capoeira como uma forma de ensinar a história e cultura afro-brasileira para as crianças da educação infantil. No entanto, iremos mesclar alguns que apesar de diferentes, podem ser vistos nesse momento do trabalho como algo único. Entendemos que as especificidades de cada um não devem ser esquecidas no momento de analisarmos didaticamente juntos, ao contrário devem ser valorizadas e reafirmadas. Essa decisão é apenas para facilitar a análise do trabalho de campo no Centro de Educação Infantil, a escolha pelo conceito que foi utilizado propõe alguns diálogos com outras referências bibliográficas. Assim, vamos trabalhar com Memória, Ancestralidade e Oralidade, como Oralidade. Religiosidade e Energia Vital, como Energia Vital. Musicalidade e Circularidade, como Ritmo e Cooperação. E Corporeidade e Ludicidade, como Ludicidade.

CAPÍTULO III

A prática pedagógica da capoeira Angola na Educação Infantil

Como já falamos nos capítulos anteriores a capoeira é uma excelente ferramenta de ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. Neste capítulo por meio da pesquisa de campo, utilizando-se de algumas entrevistas, oficinas e observações participativas, vamos procurar demonstrar como é possível desde criança construir uma mentalidade mais respeitosa, a partir dos valores afrocivilizatórios, ao mesmo tempo fortalecer seu desenvolvimento psicomotor, via capoeira angola.

A escola onde fiz o trabalho de observação foi no Centro de Ensino Infantil Francisca Arruda de Pontes do município de Redenção/CE. Lá tive a oportunidade de acompanhar uma turma multisseriada. As crianças eram de diferentes faixas etárias entre três e seis anos. Para a capoeira esse elemento não interfere, pois, a prática usual da capoeira é aulas com crianças, jovens e adultos juntos. Assim, a turma multisseriada da escola só enriqueceu o resultado do trabalho.

Na CEI Francisca Arruda de Pontes entrevistei a professora Maria Célia de Sousa Fernandes a partir de um pequeno roteiro, que serviu de diretriz, que foi modificado no decorrer da entrevista. O que mais me interessava era a questão do lúdico, pois é um conceito entendido como valor afrocivilizatório, mas que carrega inúmeros estudos sobre a importância do desenvolvimento infantil a partir do brincar. Por isso perguntei diretamente o que ela entendia sobre, ela me disse que o lúdico é:

“Poder desenvolver todas as atividades que discerne [sic] a uma criança de forma prazerosa, onde ela sinta como uma brincadeira, que ela possa ter toda alegria de estar participando(...)o lúdico é o prazer de aprender, é aprender com prazer, de uma forma que a criança se sinta livre para perguntar, para se divertir a partir daquilo que estamos trabalhando com ela, que ela sinta este prazer em está aprendendo”⁵³.

Ao fazermos a mesma questão para a mestra Cristina, a partir da prática da capoeira, ela disse que:

“Capoeira angola é ludicidade o tempo todo, capoeira angola sem ludicidade não é capoeira angola, sem pensar na questão da brincadeira, do fluir do jogo. Meu mestre sempre falava pra mim, você pode estar até com raiva por dentro, você pode estar até com medo por dentro, mas você não pode demonstrar isto pra pessoa que você está jogando, então jogue sorrindo o tempo todo. (...) trazer sempre esse ludicidade através da dança, da música, da firula daquela coisa do corpo fingir que vai mas não vai, da mandinga, do teatro levar um golpe e sai mancando, sendo que o golpe não foi tão forte assim”⁵⁴.

⁵³ FERNANDES, Maria Célia de Sousa. Entrevista realizada por Marcia Maria Souza Silva. Redenção/CE, em 30 de outubro de 2015.

⁵⁴ SANTOS, Cristina Nascimento Dias. Entrevista realizada por Marcia Maria Souza Silva. Acarape/CE, em 18 de março de 2016.

Percebe-se como esse valor afrocivilizatório é essencial na capoeira, é parte fundante da aprendizagem. Para a educação infantil a ludicidade é indispensável, como afirma a professora Célia. A ludicidade traz prazer e o prazer é o meio pelo qual se aprende. A capoeira ensina a ter prazer, aplicada na educação infantil corrobora para uma melhor aprendizagem de aspectos do desenvolvimento físico e social e psicológico da criança.

No entanto, a coesão ensino e aprendizagem da capoeira e debates sobre desenvolvimento infantil, via ludicidade não é tão obvio e muitas vezes negado por puro preconceito. Portanto, procurei saber sobre a implementação da Lei 10.639 para a professora da educação infantil. Perguntei a professora Célia se ela como professora da educação infantil acha que a Lei 10.639 está sendo cumprida. Ela respondeu que mesmo sendo uma Lei de 2003, “caminha a passos lentos” e disse que no caso da educação infantil ainda mais lento, “pois não posso chegar e abordar as crianças como eu abordaria um adulto a esse respeito, né?”. Ela disse que em geral usa histórias que abordam o tema sempre procura colocar o lúdico como método principal. Ainda no fim de seu comentário disse que o processo de implementação da Lei no seu município Redenção:

“...sinto também esse mesmo encaminhamento de forma lenta, mas eu acredito que os primeiros passos precisam ser dados e nós não podemos deixar de trabalhar esta questão por que não existe coisa melhor do que ser tratado com igualdade e com respeito, acho que é essencial para nossa vida, nossa autoestima, para tudo que nos compõe”⁵⁵.

O que salta aos olhos é que para a professora a implementação da Lei depende da ludicidade. Como na capoeira, quando você está com raiva, você aprende a brincar com sua própria raiva para alcançar seu objetivo. Então, a professora disse que a Lei fala de algo sério, muito difícil de tratar por causa da sua complexidade, mas a ludicidade permite que o sério se torne acessível às crianças. Então aproveitei a oportunidade e perguntei se ela tinha algum conhecimento da capoeira. Ela me disse não saber muito do assunto, apenas o senso comum. Mas acrescentou:

“Poderia trazer a capoeira na questão de ritmo, pois muitas vezes improvisamos, pois existe uma Lei para trabalharmos músicas com as crianças da educação infantil; e, essa ladainha, os instrumentos seriam ótimos. Temos que ir atrás o professor curioso, ele procura coisas novas e temos que está sempre no papel desse professor curioso”⁵⁶.

⁵⁵ RODRIGUES, *op.cit.*, 2016.

⁵⁶ Idem

O que percebemos é que mesmo com o pouco conhecimento, a professora percebe que a capoeira pode ajudar no desenvolvimento da criança, e não só no sentido de movimento, mas em um sentido mais amplo como o uso da musicalidade, que a capoeira traz de forma marcante, tanto na parte instrumental, como nas canções. Mostra também como é importante um professor que queira e esteja em constante aprendizagem.

Já na entrevista com a mestra Cristina aproveitei para descobrir o como ensinar esse lúdico, ou seja, me interessei em uma metodologia da capoeira que pudesse ajudar na didática do ensino infantil. Ela me disse a respeito:

“Explorar ao máximo os elementos da capoeira e pensar que são crianças...; então, não é a mesma coisa de quando estou a frente puxando um treino para adultos, né? Então eu preciso trazer a brincadeira até no próprio treino, então se eu vou mostrar para ela como que faz o rabo de arraia, eu posso perguntar por que chama rabo de arraia? O que uma arraia? Alguém já viu uma arraia? E ir brincando riscar o chão em forma de círculo, vamos brincar todos dentro do círculo, o pé tem que ficar pro alto, tem que rodar na direção desse círculo, agora gira ao contrário. Sabe? Trazer a brincadeira mesmo, a recreação pra dentro do fazer capoeira. (...) O mestre Manuel busca isso, né? Trazer algumas brincadeiras, mas ao mesmo tempo ensinando de verdade, como se faz um aú, como se faz um role, corrigindo de verdade, ensinando a tocar instrumentos”⁵⁷.

Com as dicas da mestra Cristina conseguimos imaginar não apenas como dar aulas de capoeira, mas também refletimos o quanto o lúdico é importante e como ele pode ser incentivado no ensino aprendido de crianças. É possível notar como a Ludicidade na capoeira está diretamente vinculada a Corporeidade, essa é a dica que podemos apreender da capoeira e levar para a educação infantil. Trabalhar com Ludicidade não é trabalhar apenas com falas, mas principalmente, utilizar o corpo e os elementos materiais que o cercam.

A capoeira é lúdica e o lúdico é indispensável para o desenvolvimento infantil. Em uma oficina de Vivência da história da capoeira angola de mestre Armando⁵⁸ foi possível visualizar o quanto o aprender com o corpo é importante para a apreensão de um conteúdo. O mestre Armando primeiro fez com que sentíssemos nosso corpo em contato com o chão e assim começou uma narrativa que nos levou para dentro do navio negreiro. Através da nossa imaginação e de posições do corpo que ele sugeria, entramos nessa viagem, sentindo o balanço do navio, o aperto da sobrecarga e sofrimento dos escravizados, ao se jogar um corpo ao mar, o mau cheiro pela falta de higiene. O cenário

⁵⁷ SANTOS, *op.cit.* 2016.

⁵⁸ Oficina realizada dia 09 de outubro de 2014 na primeira semana universitária da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira sobre vivência da história da capoeira angola com mestre Armando.

da imaginação ia mudando e nosso corpo mudando com ele. Desembarcamos, mas o sofrimento continuou, estávamos expostos como mercadorias para serem comprados pelos senhores.

O terceiro cenário eram as fazendas, onde o trabalho árduo e a capoeira se uniram num só movimento. O cortar cana se assemelha com o gingado, o juntar a cana nos braços já cansados, exigia o fortalecimento também das pernas para contrabalancear o peso. A estocagem da cana também era feita com o uso da força, pois cada monte pesava cerca de 60 quilos e exigia uma sincronia entre os trabalhadores, seguindo um ritmo dos corpos, acompanhado de uma canção que amenizar a dor.

A aprendizagem por meio da Corporeidade possibilitou não apenas saber sobre a história do tráfico, do trabalho escravo, da capoeira, mas aprender de coração, com prazer, possibilitando maior aproveitamento da aula. Tivemos, assim, uma excelente aula de história sobre o período escravocrata, ao utilizar a capoeira como base. Em relação a educação infantil essa experiência nos traz inúmeros saberes importantes para o desenvolvimento da criança, não só no sentido motor mais também mental, isso é proporcionada pela Ludicidade e Corporeidade explorada na capoeira.

O mestre Armando continua a narração nos introduzindo na noite da Senzala. Lugar cheio de animais peçonhentos. Somos levados a imaginar o corpo cansado, mas capaz de continuar a luta, matando os animais com os pés. Esse dia a dia, noite a noite faziam com que os escravizados aperfeiçoassem seus movimentos, trazendo para a capoeira, as rasteiras. Mas a fuga é inerente ao homem em busca de liberdade. Guiados por um quilombola, tratava-se de uma caminhada longa e perigosa onde o silêncio era essencial. O som do pandeiro era um símbolo do perigo, o som do anúncio da presença do capitão do mato. A intensidade e velocidade das batidas aumentam conforme a proximidade. Subidas, descidas, nados, tudo foi explorado com o uso da imaginação e o espaço de um auditório universitário. Enfim chega-se ao quilombo.

A aprendizagem já havia ocorrido, a conversa com o mestre só traria para nossa consciência aquilo que o corpo havia registrado. O mestre fez perguntas sobre como certos animais andavam e davam o bote, como o escorpião, o sapo, o jacaré, o gato, o gorila e outros que os escravizados conheciam de sua terra natal. Ele perguntava e se movimentava apresentando o que falava e assim visualizávamos a ligação entre os movimentos dos animais e nossos movimentos da capoeira.

A experiência foi muito importante pois conseguimos perceber a relação que a capoeira tem com o passado e como cada momento passado foi extremamente

importante para seu desenvolvimento. Outra percepção foi que a capoeira integra corpo, mente e espírito, retificando a Ancestralidade, a Oralidade e a Memória. Esses três valores afrocivilizatórios definem mais uma vez uma educação completa, onde a memória sobre a nossa história faz parte da aprendizagem, nossos antepassados se tornam os principais veiculares via oral do nosso conhecimento sobre o mundo. Pois foi com a prática dos antepassados que temos hoje este bem tão precioso para a cultura do Brasil, que é a capoeira.

Outros valores afrocivilizatórios devem ser apontados como presentes na oficina descrita: a Corporeidade, a Musicalidade a Cooperação e a Energia vital (axé), pois com certeza conseguimos senti o axé dos nossos ancestrais na magia da aprendizagem. Não conseguimos falar ou fazer capoeira sem corporeidade e essa oficina nos permitiu sentir nosso corpo por inteiro e de diferentes maneiras, deitados, andando rastejando, enfim, tendo nosso corpo como princípio. A Musicalidade na hora de ouvir o pandeiro e identificar se o capitão do mato estava mais próximo ou não, a Cooperação uns ajudando os outros por um ideal maior a liberdade, sem a ajuda e união de todos isso não seria possível.

As observações participativas eu divido em três momentos. E elas ratificaram as hipóteses que me propus a pesquisar no início da escolha do tema. Tive dois momentos, um primeiro no projeto Axé Capoeira Angola do Programa Áfricas do Joá em 2015 no Pátio do Bloco 2 do Campus do Palmares. E o segundo no projeto CIADI também vinculado ao Áfricas do Joá, que ocorre na CEI Francisca Arruda de Pontes.

Descobri o interesse das crianças pela capoeira nas primeiras aulas que observei, ao mesmo tempo que participava. Tinham duas crianças, uma de cinco anos e a outra de quatro. Os movimentos que mimetiza animais envolviam as crianças numa brincadeira, que dificilmente elas desconcentravam. Foi o primeiro contato para mim, onde pude junto com as crianças interagir com os movimentos. Neste primeiro, contato percebi que a capoeira se dá em Circularidade, pois na capoeira a roda é um elemento fundamental, sem ela não existi a capoeira. Mesmo nas aulas em algum momento ela será feita, geralmente no final da atividade para uma conversa ou para tocar e cantar. O Ritmo se coloca através da Musicalidade, mas também na Circularidade.

Toda aula tem um corrido, uma ladainha para aprender e assim, a história africana e afro-brasileira é transmitida automaticamente, no Ritmo da tradição viva, que por meio da Oralidade, a Memória dos antepassados são revividos. Quando a professora

está cantando uma canção da capoeira, ela está nos transmitindo aquilo que ela aprendeu, da mesma forma, que ela aprendeu.

O elemento da Corporeidade é percebido no interesse das crianças, elas gostam de experimentar coisas novas, fazer o aú, andar como caranguejo, plantar bananeira, fazer a ponte, e principalmente fazer os movimentos interagindo com outras crianças. Se em uma única aula de capoeira angola, podemos perceber todos esses elementos, o ideal seria que isso ocorresse no decorrer de toda sua vida.

Esse projeto apesar de não ser voltado apenas ao público infantil, ele se dispõe a fazer incursões nas escolas. Assim, na semana da consciência negra em novembro de 2015, fomos para o Centro de Educação Infantil Francisca Arruda de Pontes localizado em Redenção/CE, essa foi minha primeira observação relacionada a capoeira aplicada a educação formal infantil. Foi um momento curto, mas bem produtivo, se deu com uma turma do infantil IV, os alunos de quatro anos. A professora de capoeira colocou os alunos em roda, apresentou-se e falou um pouco sobre o Zumbi, na sequência cantou uma ladainha da capoeira que falava do Zumbi, tocando berimbau, depois apresentou alguns instrumentos da capoeira. Neste primeiro contato na CEI Francisca Arruda de Pontes deu para perceber como a música consegue chamar a atenção das crianças a ponto de por alguns instantes ficarem totalmente concentradas naquilo. Nesse sentido, entende-se que o Ritmo é fundamental no ensino e aprendizagem infantil, a concentração é um dos fatores mais difíceis de se obter com crianças e isso é possível com a música. E não apenas a música como uma ciência das artes, mas a música que envolve também a Circularidade, a Memória; e, portanto, o Ritmo, do qual a capoeira está impregnada.

Em 2016, voltei para a CEI Francisca Arruda de Pontes para continuar a observação. Desta vez com o projeto CIADI que dá aulas de capoeira angola semanais para uma turma multisseriada com as crianças do Infantil III, de três e quatro anos e outras crianças que integram a turma para o projeto CIADI, compondo uma turma de três a seis anos. Observar a turma multisseriada foi importante para perceber que é possível ensinar capoeira a crianças de diferentes faixas etárias sem comprometer o aprendizado, mas também que o ensinar pode ser feito de maneira integrada com crianças de várias idades. O resultado é enriquecedor para as próprias crianças que se espelham umas nas outras, retirando o foco do espelho do adulto, e aproximando os desafios do seu desenvolvimento físico e mental de uma realidade palpável, por causa da pouca diferença de idade. Essa cooperação que nasce entre os alunos proporcionado pela

capoeira é marca de outro valor afrocivilizatórios, a Cooperatividade, o maior ajudando o menor.

Pude observar duas aulas desse projeto. A primeira aula as atividades iniciaram em roda, sentados no chão, depois da apresentação, o berimbau, como símbolo da capoeira, é o grande professor. Então, perguntou se alguém sabia o nome daquele instrumento, como estamos falando de uma maioria de crianças de três anos, elas não se concentram por muito tempo, o período de concentração delas é “de 10 a 15 minutos, se estiver motivada”⁵⁹, eles gostam mesmo de tocar, ver de perto as coisas. Então depois da euforia curiosa a Ludicidade da capoeira foi exposta por meio do CD de capoeira para crianças do grupo Mandingueiros do Amanhã, intitulado “Ciranda de Angola”. Nele são cantadas músicas infantis do repertório popular, no Ritmo da capoeira, com a orquestra da capoeira angola completa. A primeira música a ser trabalhada foi Borboletinha. Primeiro, as crianças ouviam e junto com o coro cantavam, em seguida foi dado alguns caxixis, para que eles tivessem a percepção da marcação da batida. Para os que não receberam caxixi a função era bater palmas. Envoltos com o Ritmo, cantando e tocando, sentados na roda, a Cooperação foi introduzida, pois os caxixis não davam para todos. Logo teria que haver a divisão de tempo para cada um experimentar o caxixi, assim todos poderiam tocar.

Após essa parte musical fomos para os movimentos começamos com os mais simples o caranguejo, o camelo, o coice do cavalo. São movimentos simples que remetem a animais conhecidos pela maioria facilitando assim o interesse da criança. Apesar de muitos movimentos da capoeira estarem ligados a movimentos de animais, pouco são os mestres como Armando que utilizam a mimetize para o ensino da capoeira.

Mestre Patinho é um dos mestres que talvez mais tenha desenvolvido esse trabalho⁶⁰.

Ele apresenta uma técnica de ensino aprendizagem utilizando alguns desses nomes para os movimentos de capoeira com um público também adulto. Para o público infantil, essa técnica é bastante eficaz na sua aplicabilidade. Os animais familiares das crianças ganham vida em seus corpos, ainda livres de mordanças sociais, posturas corporais fruto do cotidiano do adulto.

⁵⁹ FREITAS, Jorge Luiz de. **Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo**. Curitiba: Editora Gráfica expoente, 1997. p. 61.

⁶⁰ PATINHO, mestre. **O novo no velho sem molestar as raízes**, São Luís – Maranhão: Produção centro cultural Mestre Patinho, 2013. DVD

No segundo dia de observação participante na CEI, as crianças nos receberam com um sorriso e muitas curiosidades iniciamos a atividade novamente com a parte musical. A professora Larissa cantou o corrido:

“Tem dendê, tem dendê,
Capoeira de Angola tem dendê.
Coro: Tem dendê tem dendê,
Cantador: João tem dendê”.

E assim os nomes dos alunos deveriam ser introduzidos na canção, enquanto tocava o berimbau. Tínhamos que dizer o nosso próprio nome, no Ritmo da capoeira. De início tinha algumas crianças mais tímidas, outras mais imperativas, mas todos participaram da brincadeira dos nomes. Continuando-a, a professora entregou um único caxixi que deveria passar pelas mãos de todos. As crianças teriam que pegá-lo, tocar e dizer seu nome. Em seguida cada criança teve a oportunidade de segurar e tocar o berimbau, para elas foi algo incrível uma novidade, um objeto nunca antes tocado. Segundo momento da aula: os movimentos, foi riscado um círculo no chão e dito para ficar de caranguejo só com os pés dentro do círculo, saímos e voltávamos para dentro do círculo, mantendo a posição de caranguejo. Depois, a do camelo entrando e saindo. Deixou-se o círculo e experimentou-se um movimento novo, a tesoura e depois o aú. Para encerrar nós sentamos em roda e pedimos para que eles desenhassem o que eles tinham feito na aula⁶¹.

Destas observações na CEI constatamos que com o uso da capoeira utilizamos quase todos os valores afrocivilizatórios: a Corporeidade que é indispensável na capoeira, nos movimentos realizados por eles, a Musicalidade quando tocam mesmo que sem ritmo. Exercer sua musicalidade para alguns vai servir como aperfeiçoamento e para outros como um primeiro contato. A circularidade também estava presente, pois sempre tinha a formação da roda, por onde as informações passam de forma continua, sem hierarquia estabelecida pelo espaço. A cooperação na hora de repassar o instrumento para o outro e esperar a sua vez, a Oralidade nas canções repassadas e a Ludicidade todos os valores sendo trabalhados ao mesmo tempo, pois de um jeito bem natural, brincando as crianças vão aprendendo e aprendendo. O que comprova como a capoeira pode ser uma grande aliada para o cumprimento da Lei 10.639. Ela consegue com seus vários elementos ensinar a criança, de uma forma lúdica e suave: a história afro-brasileira e africana, como também os valores afrocivilizatórios.

⁶¹ Em anexo alguns desenhos. Infelizmente não tivemos tempo de analisa-los, mas fica como proposta para uma nova pesquisa.

Falamos de um primeiro contato de crianças de três a seis anos, que são por natureza ativas e curiosas, que têm a necessidade do movimento e também do conhecimento. Elas estão no início da sua formação motora e mental, como dizem é de pequeno que se faz o grande, e partindo deste princípio vamos ensinar e inserir em nossas crianças os bons valores. Nessa idade algumas nem percebem o que estão aprendendo, mas estão aprendendo a ser um ser humano melhor que conhece e preserva sua história, cultura e seus valores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos apresentar a importâncias da aplicação da Lei 10.639/03 para o ensino infantil, por meio da prática da capoeira angola. A capoeira angola é uma excelente ferramenta para o ensino dos valores afrocivilizatórios. Ela consegue potencializar a Ludicidade, a Cooperação, o Ritmo na criança, tornando esses, valores presentes e apreendidos em todas as aulas.

Nossa pesquisa foi feita com crianças da educação infantil entre três e seis anos de idade, em uma turma do Centro de Educação Infantil Francisca Arruda de Pontes. Conseguimos observar com as pesquisas teóricas e entrevistas que a Lei 10.639/03 não é cumprida na maioria das entidades de ensino, incluindo a educação infantil. Nessa, ela se limita há algumas histórias infantis, contadas em dias comemorativos, como da consciência negra. Mas, o seu ensino é importante e deveria ser feito junto com a rotina da Escola.

Ao procurar trazer o lúdico através da prática da capoeira para o diálogo com a aprendizagem da criança, conseguimos constatar que as crianças gostam da capoeira. A criança utiliza todas as partes do corpo, desenvolvendo sua motricidade e cognição. A sociabilidade ela aprende no jogo e na roda, pois se faz necessário a cooperação de todos para que a capoeira aconteça.

As aulas de capoeira para a educação infantil apresentam a importância da cultura afro-brasileira para a construção do cidadão brasileiro. Formando um indivíduo que valorize sua cultura, tendo consciência de si e do mundo que o cerca. Não deixando que a capoeira se perca.

As observações que fizemos foram relativamente insuficientes, certamente com uma observação continua poderíamos aprofundar nas relações entre aprendizagem, desenvolvimento mental e motor da criança por meio do ensino de capoeira angola. O que fizemos é uma simples introdução de um trabalho que pode ser muito maior, tendo vários eixos de pesquisas que não demos conta de trabalhar; dentre esses, podemos destacar: a análise dos desenhos das crianças, o olhar que as mesmas têm em relação a capoeira e as diferenças de aprendizagem em relação a idade de cada uma.

Apesar de ter consciência do quanto ainda poderia ter trabalhado sobre o tema, entendemos que essa monografia enriquece e ajuda a professores da rede de educação infantil, mas também formadores de professores a mostrar como a capoeira angola pode ajudar na execução da Lei 10. 639/03 na educação infantil.

FONTES E REFERENCIAS

Bibliografia:

- ALMEIDA, Raimundo Cesar Alves de. **A saga do mestre Bimba**. Salvador: Ed. Ginga Associação de Capoeira, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/ Secretaria de educação básica. Brasília: MEC/SEEB, 2010.
- BREDA, Omri Ferradura. **A Capoeira como prática pedagógica na Educação Infantil**. In: site www.brincadeiradeangola.com.br, Publicado em 23 de junho de 2015.
- CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. Salvador: Ed. EDUFBA, 2001.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. 7ªed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- CARVALHO, Audrey. **O lúdico no desenvolvimento da criança**. 1. Ed. São Paulo: Rideel, 2010
- CERTEAU, Michel de. Culturas populares. In: **A invenção do cotidiano**. Ed. RJ; vozes, 1994
- DE SOUZA, Verônica Maria. “... **A distância do brincar... do nascimento aos seis anos**”. Pós-graduação “Lato Sensu” projeto vez do mestre, Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro, 2004.
- DEMARTINI, Zeilda de Brito Fabri. Relatos orais: a participação dos sujeitos na pesquisa histórico-sociológica. In: **Cadernos CERU**. UNICAMP. Campinas. Nº5, série. 2. 1994
- FERREIRA, Aurélio B. Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.
- FREITAS, Jorge Luiz de. **Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo**. Curitiba: Editora Gráfica Expoente, 1997.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. “A LDB e as instituições de educação infantil: Desafios e perspectivas”. In: **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo: Supl. (4), 2001. Disponível:

<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v15%20supl4%20artigo1.pdf>.

Acessado dia: 23/04/2014

- LIMA, Ivan Costa. NASCIMENTO, Joelma Gentil do. Coleção formação do movimento negro unificado. **Trajetórias históricas e práticas pedagógicas da população negra no Ceará**. Fortaleza: Imprece, nº 1, jan. 2009
- LOPES, Alisson Rafael de Sousa. **A História da Capoeira no Brasil: Da marginalização a condição de Patrimônio cultural**. Trabalho de conclusão de curso de Direito do Centro Universitário do Distrito Federal – UDF. Brasília, 2010.
- TRINDADE, Azoilda Loretto. **Fragmentos de um discurso sobre afetividade**. Saberes e fazeres, v.1: modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, 2006.
- _____. **Saberes e fazeres, v.3: modos de interagir** / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.
- MACEDO, Ana Paula Resende. “A capoeira angola: história, persistências e transformações”. In: **Revista História e Perspectivas**, Uberlândia (34), jan.-jun., 2006. pp.425-461.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura popular: em busca de um referencial conceitual. In: **cadernos de história**. UFU, v. 5, nº 5, jan./ Dez. 1994
- OLIVEIRA, Nelson Silva de. **Vultos negros na história do Brasil: um povo invisível na nação brasileira**. 2º. Ed. Rio de Janeiro: CEAP, 2006.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial**. (1850-1890). Rio de Janeiro: Access, 1999.
- YAHN, Carla Alves de Carvalho. “Capoeira angola e literatura popular: marcas da tradição oral afro-brasileira”. **Revista África e Africanidades**. Ano 2, n. 6, Agosto, 2009. Disponível em: www.africaeaficanidades.com.br. Acessado dia: 11/06/2016
- SILVA, René Marc da Costa; CAVALCANTI, Maria Laura; BRANDÃO, Carlos Rodrigues; SILVA, Marisa; BERNARDO, Délcio José; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; LIMA Ricardo Gomes; GABRIEL, Eleonora. Cultura popular, linguagens artísticas e educação. IN: **Cultura popular e educação**. SILVA, René Marc da Costa (org.). Brasília. Salto para o futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC. 2008

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias.** Projeto História: revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de História da PUC-SP, São Paulo. 1981

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: **Projeto e metamorfose antropológica das sociedades complexas.** RJ: Zahar. 1994.

Videografia:

PATINHO, mestre. **O novo no velho sem molestar as raízes,** São Luís - Maranhão, produção centro cultural Mestre Patinho, 2013.

Documentário “**Mestre Bimba A capoeira iluminada**” disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=INhSuNR_iuE. Acessado em: 13/05/2016.

Musicografia:

ABADA capoeira. **Toda Bahia chorou.** Disponível em: <https://www.letras.com/abada-capoeira/1681951/>. Acessado em: 11/02/2016.

CANJIQUINHA, Mestre. **Encontro de Bimba e Getúlio Vargas.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EnLoryALnfQ>. Acessado em: 03/04/2016.

CAPOEIRA, Abadá. **O dia que o berimbau chorou.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/abada-capoeira/1721235/>. Acessado em: 23/04/2016.

COBRA, mestre. **Guerra do Paraguai.** Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=XY_TUNzX6-g. Acessado em: 11/03/2016.

MORAES, mestre. **Rei Zumbi de palmares.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mestre-moraes/1934051/>. Acessado em: 20/04/2016.

VARGAS, mestre Toni. **Dona Isabel.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mestre-toni-vargas/353001/>. Acessado em: 20/04/2016.

YAHN, Carla Alves de Carvalho. **Capoeira angola e literatura popular:** marcas da tradição oral afro-brasileira. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - agosto. 2009. Disponível em: www.africaeaficanidades.com.br. Acessado em: 10/06/2016.

_____. **Capoeira angola e literatura popular:** marcas da tradição oral afro-brasileira. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - agosto. 2009. Disponível em: www.africaeaficanidades.com.br. Acessado em: 10/06/2016.

Entrevistas

FERNANDES, Maria Célia de Sousa. Entrevista realizada por Marcia Maria Souza Silva. Redenção/CE, em 30 de outubro de 2015.

SANTOS, Cristina Nascimento Dias. Entrevista realizada por Marcia Maria Souza Silva. Acarape/CE, em 18 de março de 2016.

Oficinas

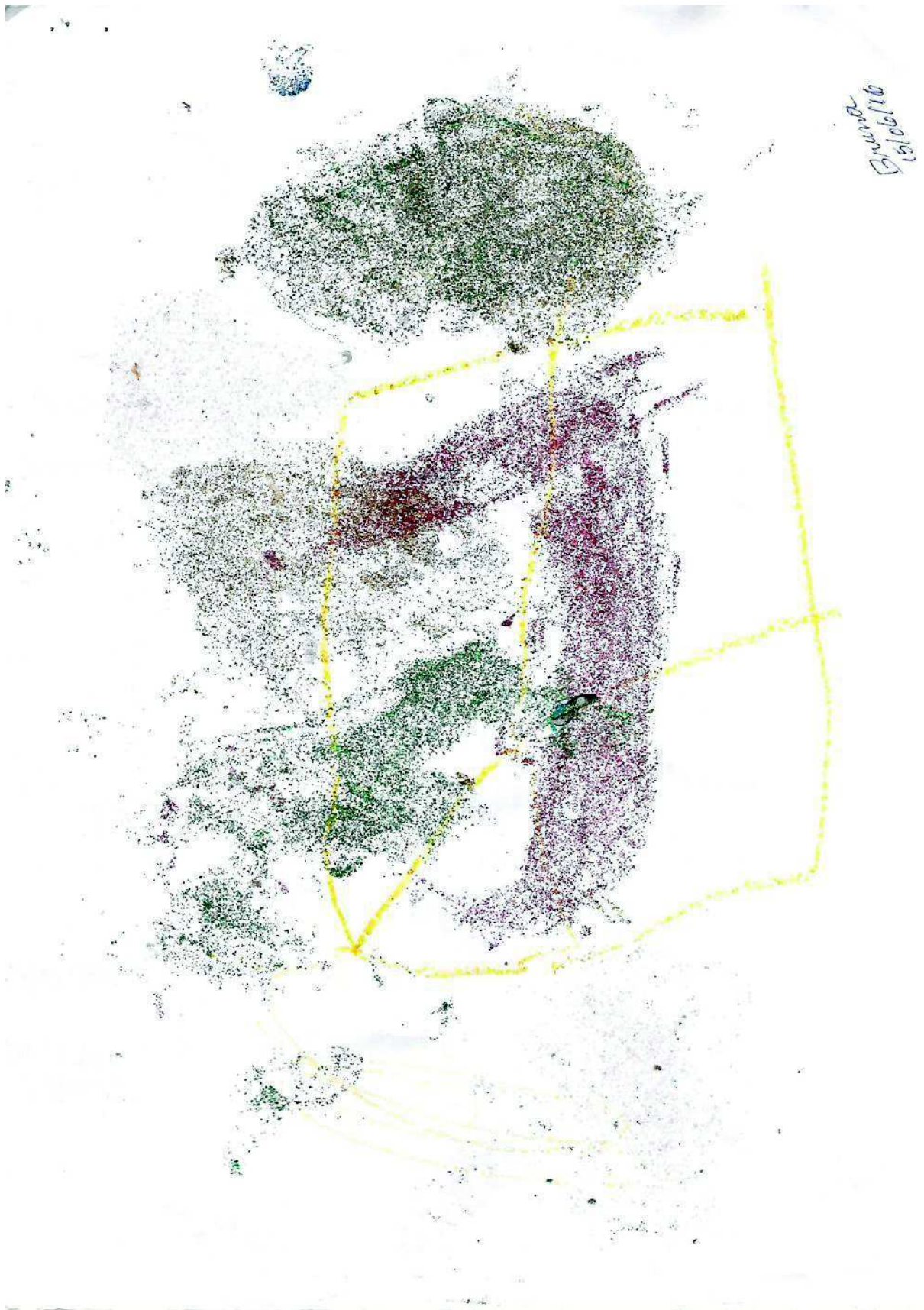
GABARRA, Larissa Oliveira. Axé capoeira angola. In: Programa Áfricas do Joá, abr. a jul. de 2016. Redenção: Proex/ Unilab.

LEAO, mestre Armandindo. Vivencia da capoeira angola. In: I Semana Universitária 2014. Redenção: Unilab.

ANEXOS

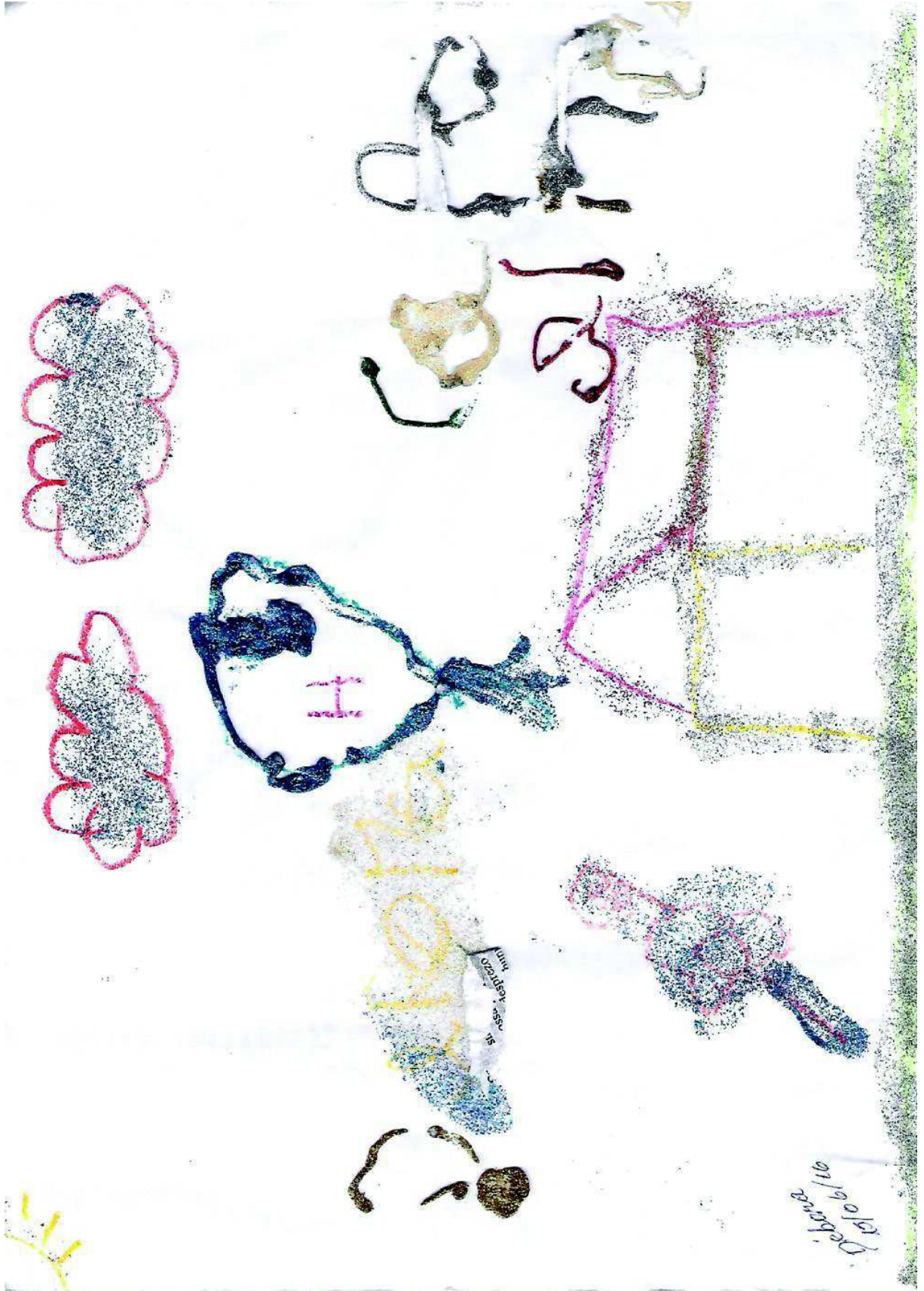
Desenhos



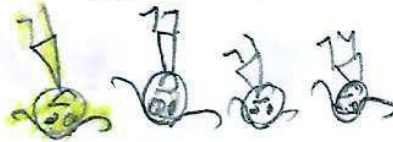
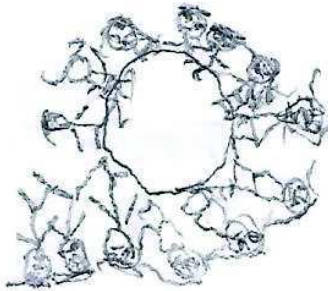
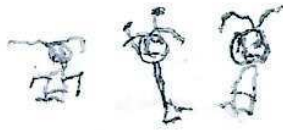




JORANI
22/06/16

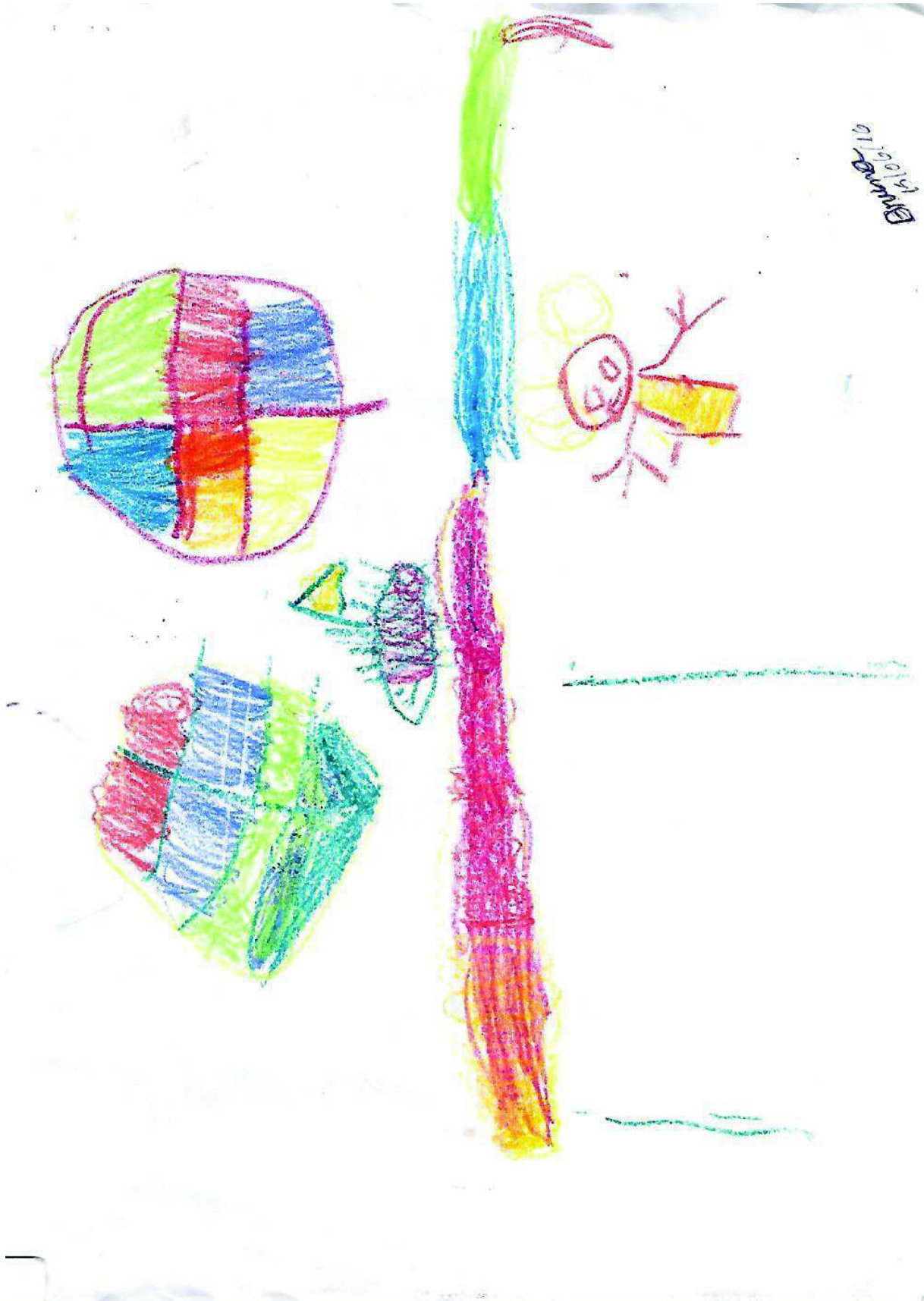


DEBORAH
22/10/16



Geometrie





Cessão de direitos

Referência mestre Armando

1 mensagem

Armando <omolufan@gmail.com> 16 de agosto de 2016 13:51 para: GABARRA <larissa.gabarra@unilab.edu.br>

Muito bom o texto dela, me senti contemplado viu.

Em 16 de agosto de 2016 13:12, GABARRA <larissa.gabarra@unilab.edu.br> escreveu:

A capoeira é lúdica e o lúdico é indispensável para o desenvolvimento infantil. Em uma oficina de Vivência da História da capoeira Angola de mestre Armando[1] foi possível visualizar o quanto o aprender com o corpo é importante para a apreensão de um conteúdo. O mestre Armando primeiro fez com que sentíssemos nosso corpo em contato com o chão e assim começou uma narrativa que nos levou para dentro do navio negreiro. Através da nossa imaginação e de posições do corpo que ele sugeria, entramos nessa viagem, sentindo o balanço do navio, o aperto da sobrecarga e sofrimento dos escravizados ao se jogar um corpo ao mar, o mau cheiro pela falta de higiene. O cenário da imaginação ia mudando e nosso corpo mudando com ele. Desembarcamos, mas o sofrimento continuou, estávamos expostos como mercadorias para serem comprados pelos senhores.

O terceiro cenário eram as fazendas, onde o trabalho árduo e a capoeira de uniram num só movimento. O cortar cana se assemelha com o gingado, o juntar a cana nos braços já cansados, exigia o fortalecimento também das pernas para contrabalancear o peso. A estocagem da cana também era feita com o uso da força, pois cada monte pesava cerca de 60 quilos e exigia uma sincronia entre os trabalhadores, seguindo um ritmo dos corpos, acompanhado de uma canção que amenizar a dor.

A aprendizagem por meio da Corporeidade possibilitou não apenas saber sobre a História do tráfico, do trabalho escravo, da capoeira, mas aprender de coração, com prazer, possibilitando maior aproveitamento da aula. Temos, assim, uma excelente aula de história sobre o período escravocrata, ao utilizar a capoeira como

base. Em relação ao ensino infantil essa experiência nos traz inúmeros saberes importantes para o desenvolvimento da criança, não só no sentido motor mais também mental, isso é proporcionada pela Ludicidade e Corporeidade explorada na capoeira.

O mestre Armando continua a narração nos introduzindo na noite da Senzala. Lugar cheio de animais peçonhentos. Somos levados a imaginar o corpo cansado, mas capaz de continuar a luta, matando os animais com os pés. Esse dia a dia, noite a noite faziam com que os escravizados aperfeiçoassem seus movimentos, trazendo-os para a capoeira, as rasteiras. Mas a fuga é inerente ao homem em busca de liberdade. Guiados por quilombola, tratava-se de uma caminhada longa e perigosa onde o silêncio era essencial. O som do pandeiro era um símbolo do perigo, o som do anúncio da presença do capitão do mato. A intensidade e velocidade das batidas aumentam conforme a proximidade. Subidas, descidas, nados, tudo foi explorado com o uso da imaginação e o espaço de um auditório universitário. Enfim chega-se ao quilombo.

A aprendizagem já havia ocorrido, a conversa com o mestre só traria para nossa consciência aquilo que o corpo havia registrado. O mestre fez perguntas sobre como certos animais andavam e davam o bote, como o escorpião, o sapo, o jacaré, o gato, o gorila e outros que os escravizados conheciam de sua terra natal. Ele perguntava e se movimentava apresentando o que falava e assim visualizávamos a ligação entre os movimentos dos animais e nossos movimentos da capoeira.

A experiência foi muito importante pois conseguimos perceber a relação que a capoeira tem com o passado e como cada momento passado foi extremamente importante para seu desenvolvimento. Outra percepção foi que a capoeira integra corpo, mente e espírito, retificando a Ancestralidade, a Oralidade, a Memória. Esses três valores afrocivilizatórios definem mais uma vez uma educação completa, onde a memória sobre a nossa história faz parte da aprendizagem, nossos antepassados se tornam os principais veiculares via oral do nosso conhecimento sobre o mundo. Pois foi com a prática dos antepassados que temos hoje este bem tão precioso para a cultura do Brasil que é a capoeira.

Outros valores afrocivilizatórios devem ser apontados como presentes na oficina descrita: a Corporeidade, a Musicalidade a Cooperação e a Energia vital (axé), pois com certeza conseguimos senti o axé dos nossos ancestrais na magia da aprendizagem. Não conseguimos falar ou fazer capoeira sem corporeidade e essa

oficina nos permitiu sentir nosso corpo por inteiro e de diferentes maneiras, deitados andando rastejando enfim tendo nosso corpo como princípio. A musicalidade na hora de ouvir o pandeiro e identificar se o capitão do mato estava mais próximo ou não, a cooperação uns ajudando os outros por um ideal maior a liberdade, sem a ajuda e união de todos isso não seria possível.

[1] Oficina realizada dia 09 de outubro de 2014 na primeira semana universitária da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira sobre vivência da história da capoeira angola com mestre Armando.

Profª Drª
Larissa Oliveira
e Gabarra
Instituto de
Humanidades e
Letras tel. +55
85 33321564

Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira Ceará/Brasil



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

Termo de concessão

Eu, -Cristina Nascimento Dias dos Santos portador do CPF 926519257-72 autorizo a utilização dessa entrevista apenas para fins acadêmicos. (monografia de conclusão de curso). Abaixo assino,

CRISTINA NASCIMENTO DIAS DOS SANTOS

Rio de Janeiro, 18 de agosto de 2016.



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

Termo de concessão

Eu, M^a CELIA DE SOUSA FERNANDES portador do cpf-----
455.100.323-91 autorizo a utilização dessa entrevista apenas para fins acadêmicos. (monografia de conclusão de curso). Abaixo assino,

M^a Célia de S. Fernandes

Redenção, 30 de Outubro de 2015.